



**REDE NORDESTE DE FORMAÇÃO EM SAÚDE DA FAMÍLIA
UNIVERSIDADE ESTADUAL VALE DO ACARAÚ
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SAÚDE DA FAMÍLIA
MESTRADO PROFISSIONAL EM SAÚDE DA FAMÍLIA**

JÉSSICA LIMA TRINDADE

**A PARTICIPAÇÃO SOCIAL JUVENIL EM UM CENTRO URBANO DE CULTURA,
ARTE, CIÊNCIA E ESPORTE (CUCA) E A SUA INTERFACE COM A PROMOÇÃO
DA SAÚDE**

SOBRAL

2023

JÉSSICA LIMA TRINDADE

A PARTICIPAÇÃO SOCIAL JUVENIL EM UM CENTRO URBANO DE CULTURA,
ARTE, CIÊNCIA E ESPORTE (CUCA) E A SUA INTERFACE COM A PROMOÇÃO
DA SAÚDE

Trabalho de Conclusão de Mestrado apresentado à banca de defesa do Mestrado Profissional em Saúde da Família, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Saúde da Família pela Rede Nordeste de Formação em Saúde da Família, Universidade Estadual Vale do Acaraú.

Orientadora: Prof.^a Dra. Maristela Inês Osawa Vasconcelos

Área de concentração: Saúde da Família

Linha de pesquisa: Promoção da saúde

SOBRAL

2023

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação

Universidade Estadual Vale do Acaraú

Sistema de Bibliotecas

Trindade, Jéssica Lima

A PARTICIPAÇÃO SOCIAL JUVENIL EM UM CENTRO URBANO DE CULTURA, ARTE, CIÊNCIA E ESPORTE (CUCA) E A SUA INTERFACE COM A PROMOÇÃO DA SAÚDE / Jéssica Lima Trindade. -- Sobral, 2023.

72 f. il. color.

Orientador: Prof^a. Ph.D. Maristela Inês Osawa Vasconcelos .

Dissertação - Universidade Estadual Vale do Acaraú, Mestrado Profissional em Saúde da Família, Centro de Ciências da Saúde

1. Juventude. 2. Participação social. 3. Promoção da saúde. I. Título.

JÉSSICA LIMA TRINDADE

A PARTICIPAÇÃO SOCIAL JUVENIL EM UM CENTRO URBANO DE CULTURA,
ARTE, CIÊNCIA E ESPORTE (CUCA) E A SUA INTERFACE COM A PROMOÇÃO
DA SAÚDE

Trabalho de Conclusão de Mestrado apresentado à banca de defesa do Mestrado Profissional em Saúde da Família, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Saúde da Família pela Rede Nordeste de Formação em Saúde da Família, Universidade Estadual Vale do Acaraú.

Área de concentração: Saúde da Família

Linha de pesquisa: Promoção da saúde

Aprovada em: __/__/____.

Banca Examinadora

Prof.^a Dra. Maristela Inês Osawa Vasconcelos (Orientadora)
Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA)

Prof.^a Dra. Maria Socorro de Araújo Dias
Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA)

Prof.^a Dra. Manuella Castelo Branco Pessoa
Universidade Federal da Paraíba (UFPB)

Prof.^a Dra. Eliany Nazaré Oliveira (Suplente)
Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA)

Aos jovens do CUCA que participaram desta pesquisa.

Às mães que estão na academia e desejam fazer ciência no país.

AGRADECIMENTOS

Agradecimentos sempre são emocionantes de fazer. É o momento que me pego lembrando da minha trajetória do ciclo que encerro para iniciar outros. O mestrado para mim foi um grande desafio, desde o início com as aulas on-line, até o encerramento com a mudança de cidade, uma gestação e um puerpério. Então, se eu cheguei aqui foi porque tive uma rede que me deu forças para trilhar mais essa etapa da minha vida. Afinal, eu não ando só!

À Maria Liz, minha bisnaguinha, por me mostrar em cinco meses que nem sempre as coisas saem como planejamos e quando elas saem dos trilhos, nós devemos continuar e persistir, dando o nosso melhor, mesmo que ele não seja perfeito.

Ao meu companheiro, Gênesis, que adora me informar que *a vida em seus métodos diz calma*. Obrigada pela parceria desses 13 anos construindo nossa história e vivenciando as mais diversas fases. Seu apoio foi fundamental para eu não desistir nessa reta final. Te amo!

À minha mãe, Maria José, por toda dedicação em cuidar de Maria Liz, para que eu pudesse escrever e mais uma vez olhar para mim e dizer que nós não somos nada sem os estudos.

À minha irmã, Isis, que para mim é sinônimo de esforço, dedicação e superação. Mesmo sem expressar em palavras, ela mostra que é importante abrir os caminhos do desejo que um dia o que almejamos chega. *Pense positivo sempre*.

Ao meu tio, Alberto, que é uma infinita fonte de estudo e que desde que eu comecei o mestrado ele diz, com orgulho, que eu serei a primeira mestra da família. Parece que vai dar certo.

À tia Selma que desde a formação em psicologia, é uma inspiração para mim.

À Professora Maristela, por todo aprendizado e pelos ensinamentos nesses dois anos de partilha. Obrigada pela paciência comigo e todas as minhas movimentações para construir esta dissertação.

À Professoras, Manuella, Socorro Dias e Eliany, por se disponibilizarem a fazer parte da banca tanto na qualificação quanto na defesa. As contribuições de vocês foram muito importantes.

À Thaisa Quixadá, minha parceira do trabalho, da especialização e da vida. Obrigada por mandar mensagens me trazendo de volta para a terra e me lembrando que a autocobrança é um processo doloroso. Que bom que eu estava com você nesse mestrado.

À Luana Bandeira que mais uma vez estamos juntas em uma formação. Compartilhar as dores e as delícias do mestrado tem sido importante para sustentar minha loucura.

Ao Ricardo Frota que antes de tudo começar, auxiliou-me na construção do projeto, mesmo ele dizendo para eu colocar algumas coisas e eu resistindo. Obrigada!

Ao CUCA - Che Guevara, mais conhecido como CUCA Barra, por ter aberto as portas para eu realizar a minha pesquisa.

“Todos esses que aí estão
Atravessando meu caminho,
Eles passarão...
Eu passarinho!”

(Mario Quintana)

RESUMO

A participação social juvenil é uma maneira de facilitar o processo de construção de autonomia de sujeitos, mediante a geração de espaços e situações propiciadoras da participação criativa, construtiva e solidária, na solução de problemas reais, seja na escola, na comunidade e/ou na vida social mais ampla. A participação social juvenil, além de ser estratégia de promoção da saúde, é uma maneira de atenção ao cuidado dessa população. A presente pesquisa teve como objetivo analisar a participação social juvenil em Centro Urbano de Cultura, Arte, Ciência e Esporte (CUCA) e a interface deste com a promoção da saúde. Para tanto, realizou-se pesquisa qualitativa, do tipo exploratória, que utilizou a história de vida tópica e o diário de campo como recursos metodológicos de coleta de dados. A análise de dados foi realizada por meio da análise de conteúdo de Bardin. Participaram da presente pesquisa dez jovens, sendo oito do sexo feminino e dois do masculino, com histórico de participação social em ações de promoção da saúde no CUCA. Como resultados da análise dos dados, construíram-se três categorias principais: o CUCA e a promoção da saúde, participação social juvenil e as redes de interlocução e investimento nas políticas públicas de juventude. Percebeu-se que a promoção da saúde foi compreendida pelos jovens como cuidado com a saúde física e mental. No que concerne à participação social juvenil, o CUCA se apresentou como espaço dialógico que possibilita nova maneira da juventude fazer política. Por ser um equipamento plural, o CUCA é uma grande aposta nas políticas públicas de juventude.

Palavras-chave: juventude; participação social; promoção da saúde.

ABSTRACT

Youth social participation is a way of facilitating the process of building the autonomy of these subjects by creating spaces and situations that enable their creative, constructive and supportive participation in solving real problems, whether at school, in the community and/or in expanded social life. Additionally to being a health promotion strategy, youth social participation is a way of providing care to this population. The present research aimed to analyze youth social participation in an Urban Center for Culture, Art, Science and Sport (CUCA) and its association with health promotion. For this purpose, a qualitative, exploratory research was conducted, using topical life stories and field diaries as methodological resources for data collection. Data analysis was performed using Bardin's content analysis. Ten adolescents participated in this research, eight females and two males with a history of social participation in health promotion actions at the CUCA. From data analysis, three main categories were constructed, namely CUCA and health promotion, youth social participation and networks of dialogue, and investment in public youth policies. It was verified that health promotion was understood by adolescents as physical and mental health care. Regarding youth social participation, CUCA presented itself as a dialogical space that enables a new way for young people to do politics. As it is a pluralistic equipment, CUCA is a great investment in public youth policies.

Keywords: adolescent; social participation; health promotion.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Entrada do CUCA Barra.....	28
Figura 2 – Vista aérea do CUCA Barra.....	29
Figura 3 – Página do Instagram - Ballroom.....	41
Figura 4 – Página do Instagram – Comunidade em Pauta.....	42
Figura 5 – Página do Instagram – Cursos Profissionalizantes.....	45

LISTA DE SIGLAS

APS	Atenção Primária à Saúde
ASAJ	Área de Saúde do Adolescente e do Jovem
CEP	Comitê de Ética em Pesquisa
CNS	Conselho Nacional de Saúde
CONJUVE	Conselho Nacional de Juventude
CUCA	Centros Urbanos de Cultura, Arte, Ciência e Esporte
DPDH	Diretoria de Promoção de Direitos Humanos
ECA	Estatuto da Criança e do Adolescente
IHA	Índice de Homicídios na Adolescência
MPSF	Mestrado Profissional em Saúde da Família
MS	Ministério da Saúde
NASF-AB	Núcleo Ampliado de Saúde da Família e Atenção Básica
ONU	Organização das Nações Unidas
PNAB	Política Nacional de Atenção Básica
PNAISAJ	Política Nacional de Atenção Integral à Saúde de Adolescentes e Jovens
PNaPS	Política Nacional de Promoção da Saúde
PROJOVEM	Programa Nacional de Inclusão de Jovens
PRONATEC	Programa Nacional de Acesso a Ensino Técnico e Emprego
PROSAD	Programa de Saúde do Adolescente
PS	Promoção da Saúde
RD	Redução de Danos
SER	Secretaria Executiva Regional de Fortaleza
SNJ	Secretaria Nacional de Juventude
SUS	Sistema Único de Saúde
TALE	Termo de Assentimento Livre e Esclarecido
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
UBS	Unidade Básica de Saúde
UVA	Universidade Estadual Vale do Acaraú

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	12
2	CAPÍTULO 1: POLÍTICAS PÚBLICAS E JUVENTUDES: A QUE SERÁ QUE SE DESTINA?	18
2.1	O conceito de juventude e as variáveis	18
2.2	Políticas públicas e juventudes	19
2.3	Juventudes e a promoção da saúde	24
3	CAPÍTULO 2: CAMINHO SE CONHECE ANDANDO - O PERCURSO	27
3.1	Metodologia da pesquisa	27
3.1.1	Tipo de pesquisa	27
3.1.2	Cenário da pesquisa e participantes	27
3.1.3	Coleta de dados	29
3.1.4	Referencial de análise de dados	30
3.1.5	Procedimentos	31
4	CAPÍTULO 3: OS JOVENS TÊM FOME DE QUÊ? ALGUNS APONTAMENTOS ACERCA DO DISCURSO DAS JUVENTUDES DO CUCA	33
4.1	Resultados	33
4.1.1	Concepção de Promoção da saúde	35
4.1.2	Participação social juvenil e as redes de interlocução	39
4.3	Investimento nas Políticas Públicas de Juventude	44
4.2	Discussão	50
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	57
	REFERÊNCIAS	60
	APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO ...	67
	APÊNDICE B – TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	69
	APÊNDICE C – HISTÓRIA DE VIDA	71

1 INTRODUÇÃO

O Ministério da Saúde (MS) preconiza que a Atenção Primária à Saúde (APS) é o primeiro nível de atenção em saúde e se caracteriza por um conjunto de ações, no âmbito individual e coletivo, que abrange a promoção, a proteção da saúde, a prevenção de agravos, o diagnóstico, o tratamento, a reabilitação, a redução de danos e a manutenção da saúde, com objetivo de desenvolver atenção integral que impacte positivamente na situação de saúde das coletividades (BRASIL, 2019).

De acordo com Andrade, Barreto e Bezerra (2012), a APS é o nível de atenção que oferta a entrada no sistema de saúde para todas as novas necessidades e problemas, fornecendo atenção à pessoa/sujeito (não à enfermidade). É onde se inverte a priorização das ações de saúde que passa de uma abordagem biomédica (o médico como principal e único profissional da APS) para uma abordagem preventiva e promocional, integrada com os demais níveis de atenção e construída de forma coletiva com outros profissionais da saúde.

Assim, a APS é um modelo de atenção à saúde com quatro características essenciais: primeiro contato, longitudinalidade, integralidade e coordenação do cuidado. Essas características possibilitam relação afetiva entre os profissionais e os usuários que por ali transitam. É um trabalho de relação interpessoal, o qual permite acompanhar as pessoas no estado de saúde, individual ou coletivamente, ao longo do tempo. Reconhece-se os usuários como sujeitos, compreendendo os modos de levar a vida, os respectivos contextos e os cenários onde essas vidas acontecem. A APS é um trabalho de construção de relações mais permanentes (PEKELMAN, 2010).

Na perspectiva de uma atenção à saúde longínqua, integral, afetiva, humanizada e contextualizada à população, algumas prioridades nacionais foram pactuadas em resposta aos desafios demográficos, epidemiológicos, e de gestão sanitária enfrentados no Brasil. Dentre elas, estão as que se encontram no foco do cuidado integral à saúde de adolescentes e jovens (BRASIL, 2010).

Para Meirelles e Ruzany (2008), os jovens podem influenciar a vida comunitária e social, gerando mudanças que vão para além do convívio pessoal e familiar. Mas, para que isso aconteça, é necessária a inserção deles nos processos de discussão, decisão, planejamento e execução de ações resolutivas dos

problemas em cada contexto. O potencial criativo da juventude pode ser canalizado para produção de mudanças sociais positivas. Então, a criação de estratégias mais eficientes de participação juvenil pode ser meio eficaz para promoção da saúde desse grupo.

Salienta-se que a promoção da saúde para jovens somente é possível ser efetivada com uma rede intersetorial fortalecida que expandem caminhos entre o setor saúde e a participação e colaboração dos demais setores, e da própria comunidade, especialmente das pessoas jovens e das respectivas famílias, uma vez que as necessidades de saúde ampliada, dessa população, ultrapassam as ações do setor saúde (BRASIL, 2010).

Apesar de ser preconizado pelo MS uma política voltada para a juventude de maneira ampla que envolva temas estruturantes, como participação juvenil, equidade de gêneros, direitos sexuais e direitos reprodutivos, projeto de vida, cultura de paz, ética e cidadania e igualdade racial e étnica (BRASIL, 2010), percebe-se que as ações voltadas para esse público, em maioria, são destinadas à prevenção de gravidez na adolescência e utilização dos métodos contraceptivos, o que os tornam sujeitos pensados a partir da relação de controle e tutela, dadas várias ideias correntes no tecido social de que os jovens representam ameaças, riscos e vulnerabilidades (ANHAS; CASTRO-SILVA, 2018).

Na Constituição Federal de 1988 e na Lei 8142/90, é garantida a participação popular nas instâncias deliberativas formais do Sistema Único de Saúde (SUS), são espaços cujo controle social é formalizado, para que exista participação da população na gestão do SUS (BRASIL, 1988, 1990).

A Política Nacional da Atenção Básica (PNAB), de 2012, definiu a participação social como diretriz, com intuito de ampliar a autonomia dos usuários e a capacidade de construção do cuidado à saúde. Assim, a PNAB visa participação social que realize o processo de cogestão da saúde, possibilitando a organização e orientação dos serviços de saúde centrada no usuário e no exercício do controle social (LIMA; GALIMBERTTI, 2016).

Como citado anteriormente, as juventudes estão fragilizadas no contexto da saúde, quando se aborda o cuidado e, também, a participação social. Ao discorrer sobre participação social juvenil, busca-se maneira de facilitar o processo de construção de autonomia desses sujeitos, por meio da geração de espaços e situações propiciadoras da participação criativa, construtiva e solidária, na solução

de problemas reais seja na escola, na comunidade e/ou na vida social mais ampla (BRASIL, 2010).

Além de ser um princípio da promoção da saúde, a participação social juvenil é uma maneira de atenção ao cuidado dessa população, visto que “a participação de jovens é apontada como necessária, pois há um ideário que exalta a juventude como aquela formada por sujeitos que têm o potencial de transformar a realidade social” (ANHAS; CASTRO-SILVA, 2018, p. 2928).

Pois, deixa-se de criar *para* e falar *de* para construirmos *com*. Portanto, desloca-se do local de provedores do saber para construtores do saber com a juventude que clama por espaço de escuta e participação para as questões a ela particularizada.

De acordo com o Estatuto da Juventude (2013), no Brasil, são considerados jovens aqueles que se encontram na faixa etária de 15 a 29 anos de idade. Dessa maneira, define-se juventude a partir de uma delimitação biológica que serve, apenas, como parâmetro para o reconhecimento no âmbito político, por exemplo a construção de políticas públicas voltadas para a juventude. A definição do ser jovem deve ultrapassar as questões biológicas e buscar ampliar o olhar, na tentativa de abarcar e reconhecer as singularidades e multiplicidades que a juventude representa.

Essa é uma categoria socialmente concebida na base de sistemas de valores e práticas culturais ligadas às responsabilidades dos indivíduos em sociedade. Os jovens constituem grupo heterogêneo de indivíduos de diversas origens socioeconômicas, tanto urbanas quanto rurais, com diferentes identidades políticas, religiosas, culturais e sexuais, e diversas experiências, necessidades e aspirações (HONWANA, 2021).

Mesmo com a desaceleração no ritmo de crescimento da população jovem, a geração de adolescentes e jovens de 10 a 24 anos de idade é significativa, representando, no censo de 2010, o total de 51.402.821 pessoas, 36,89% da população brasileira, com frágeis indicadores sociais, principalmente na Região Nordeste do país, em que a pobreza e os dados de frequência escolar desnudam a desigualdade social e de oportunidades (BRASIL, 2018).

É comum referências à população jovem como aquela que menos adocece ou menos procura os serviços de saúde. Contudo, na atualidade, os jovens entre 15 e 19 anos engrossam as estatísticas brasileiras de violência, apresentando elevadas

taxas de mortes por causas violentas. Além disso, o uso abusivo de drogas, a população de rua, a exploração do trabalho, a vida escolar e a profissionalização, as infecções sexualmente transmissíveis e as gestações não planejadas são temas prioritários.

Entre os anos de 2011 e 2014, houve 67.388 notificações de lesão autoprovocada realizadas pelos serviços de saúde, correspondendo a 14% de todos os registros de violências. Dessas notificações, 15.702 (23,3%) se referiam a adolescentes e jovens, 3.699 (23,6%) de 10 a 14 anos e 12.003 (76,4%) de 15 a 19 anos. Nos dois grupos etários discriminados, houve predomínio de indivíduos do sexo feminino: 2.952 (79,8%), na faixa de 10 a 14 anos; e 8.594 (71,6%), na de 15 a 19 anos (BAHIA *et al.*, 2020). A juventude está marcada por processos de definição, inserção social e vulnerabilidades. De um lado, há a vitimização do jovem decorrente da contemporaneidade, do cenário social de crise, do desemprego e da violência urbana; por outro, há que se destacar a alegria de viver, a criatividade e autonomia deste.

A partir dessa concepção, as ações de prevenção de doenças e agravos e de promoção da saúde podem encontrar terreno fértil e se tornarem efetivas, estimulando o potencial criativo e resolutivo dos jovens e incentivando a participação juvenil para o desenvolvimento de projetos de vida e comportamentos que priorizem a promoção do cuidado em saúde.

Esse enfoque facilita a abordagem de diversos problemas da juventude (atividade sexual precoce, pressão do grupo, uso de drogas, prevenção de acidentes e violência urbana) e viabiliza intervenções que possibilitam ao jovem adquirir competência e segurança na autogestão da vida. Esta abordagem, porém, não é tarefa fácil, já que os interesses e os comportamentos desta faixa etária são dinâmicos, exigindo constante integração de novos elementos nas ações de prevenção de doenças e agravos e de promoção da saúde.

Pelo menos três entraves se mostram presentes na abordagem dos jovens no cotidiano dos serviços de saúde: 1) o precário acesso aos serviços públicos de saúde; 2) a dificuldade dos profissionais em lidar com assuntos polêmicos, como questões ligadas à sexualidade, com pouca divulgação de informações que favoreçam a adoção de práticas saudáveis de vida; 3) a ausência de reconhecimento dos profissionais de saúde de que é também destes a tarefa de

formação dos jovens como cidadãos, frequentemente, limitando-se ao atendimento de acordo com a área de competência técnica (ASSIS; AVANCI; DUARTE, 2015).

O caminho de mudança para a participação social juvenil deve ser trilhado coletivamente, e o sistema de saúde deve ver como uma das missões, ajudar a tirar as juventudes do lugar de vítima dos problemas e das mazelas sociais, incluindo-as por meio da efetiva participação, resultando, assim, na diminuição dos problemas deste público.

Diante do contexto de vulnerabilidades que a juventude está inserida, faz-se necessário pensar em estratégias de ações voltadas para esse público. Ações essas que sejam protagonizadas pela juventude, já que há necessidade motivacional para o engajamento dos jovens na responsabilidade de si e dos pares.

Além disso, é urgente a participação social no setor saúde, principalmente, dos jovens, bem como a necessidade de articular e potencializar a participação social juvenil nos espaços de promoção da saúde, como maneira de incentivar o processo de implicação nas políticas públicas, mostrando a responsabilidade de transformação social, por meio da juventude que é a grande aposta.

Corroborar-se, assim, com a linha de pesquisa do Mestrado Profissional em Saúde da Família (MPSF), Promoção da Saúde, por articular a participação social juvenil com o setor saúde direta e/ou indiretamente, de modo a impulsionar a promoção da saúde dessa população, a partir da determinação social, visando participação e autonomia desses sujeitos no cuidado à saúde. Logo, esta pesquisa se torna relevante para investigar esse fenômeno e mobilizar os jovens a se conhecerem e reconhecerem enquanto atores no processo de promoção da saúde.

O interesse pela temática se relaciona com a vivência estudantil e profissional da pesquisadora. Enquanto jovem, a referida pesquisadora participava ativamente dos espaços políticos estudantis, com intuito de transformação da realidade vivida, acreditando que a implicação era a melhor maneira de garantir uma universidade de qualidade. Esse caminho continuou sendo trilhado quando estava como profissional residente, na Residência Integrada em Saúde Coletiva e, em seguida, como profissional, na época, do Núcleo Ampliado de Saúde da Família e Atenção Básica (NASF-AB).

O contato com as juventudes na vida profissional e a maneira como a mesma se portava nos espaços de saúde, sobretudo, nos espaços que deveriam ser

de participação social desse público, suscitaram alguns questionamentos que foram base para construção desta dissertação: o que motiva os jovens a frequentarem espaços de participação juvenil como os CUCAS? Quais atividades esses jovens mais se envolvem? Qual relação atribuem à promoção da saúde?

Assim, a presente pesquisa teve como objetivo geral analisar a participação social juvenil no Centro Urbano de Cultura, Arte, Ciência e Esporte (CUCA) - Che Guevara - e a interface deste com a promoção da saúde.

Como objetivos específicos, pretendeu-se: (1) Identificar os espaços de participação social juvenil na promoção da saúde no CUCA; (2) Identificar os jovens que atuam com participação social no CUCA; (3) Conhecer as histórias de vida dos jovens que frequentam o CUCA e a interface deste com a participação social e promoção da saúde.

Esta dissertação encontra-se organizada em três capítulos. No primeiro capítulo, apresentam-se as considerações acerca do conceito das juventudes. Esse aborda ainda sobre o histórico das políticas públicas de juventudes e como se apresenta atualmente no cenário brasileiro, dando ênfase à política pública da saúde. Nesse itinerário, destacam-se os marcos legais que fortalecem as juventudes nas políticas públicas. Além disso, expõe-se sobre a Política Nacional de Promoção da Saúde (PNPS), tema transversal nesta dissertação.

O segundo capítulo descreve o percurso metodológico, indicando os instrumentos, os procedimentos para realização das entrevistas e as formas de análise

No terceiro capítulo, demonstram-se os resultados das entrevistas, categorizando-as, bem como a discussão destas, à luz do referencial teórico escolhido. Por fim, procederam-se a algumas considerações finais sobre os achados.

2 CAPÍTULO 1: POLÍTICAS PÚBLICAS E JUVENTUDES: A QUE SERÁ QUE SE DESTINA?

2.1 O conceito de juventude e as variáveis

O termo juventude carrega diversidade de opiniões acerca da própria definição. Diógenes (2012) afirma que a juventude é um conceito que exige de quem pesquisa uma necessidade contínua de decifração.

Boghossian & Minayo (2009, p.413), ao realizarem revisão sistemática sobre juventude e participação, apontam para diversidade de conceitos para o termo juventude existentes nos estudos da área:

define-se a juventude como fase de transição da infância para a vida adulta (RIBEIRO, 2004); por especificidades fisiológicas e psicológicas (COIMBRA; NASCIMENTO, 2003); pelas atividades às quais se dedicam os jovens, como educação e trabalho (COSTA, 2000); por características e atitudes, tais como criatividade e rebeldia (NOVAES, 2006); como período de exposição a condições de agravo à saúde – drogas, gravidez precoce, violência (BERQUÓ, 1999) e, finalmente, por um duplo papel social: o de “motor” de mudanças na sociedade e o de desagregação de valores e estruturas tradicionais (CARDOSO; SAMPAIO, 1995; ABRAMO, 1997).

Além da divergência no conceito de juventude, no Brasil, ao consultar documentos institucionais e produções científicas, há indefinição quanto ao uso e à interpretação dos termos e conceitos de: adolescência, juventude e juventudes, palavras utilizadas em diversos momentos com significados semelhantes.

Gil (2011) afirma que a juventude abarca grande quantidade de variáveis biológicas, psicológicas, sociais, culturais, políticas e ideológicas. Isso denota que a juventude é diversa na própria existência. As juventudes, no plural, expressam situações distintas, como também desiguais na vivência da condição juvenil.

Múltiplas são as juventudes em uma sociedade heterogênea, marcada pela discriminação, pelas desigualdades socioeconômicas e pela existência de sistemas culturais hierárquicos e diversificados. De acordo com Dayrell (2003, p.42),

A juventude constitui-se num momento determinado, porém ela não se reduz a uma passagem, assumindo uma importância em si mesma. A cultura juvenil é um novo padrão de comportamento, de estilo e de valores, é a fase de mudanças corporais, necessidade de identidade, o momento de encontrar um lugar na família e na sociedade.

Alguns autores, ao articularem os condicionamentos sociais aos culturais, afirmam que a juventude não é apenas um signo nem se reduz aos atributos juvenis de uma classe. As modalidades sociais de ser jovem depende de uma multiplicidade de fatores: idade, geração, classe social, marco institucional e do gênero. Em um país como o Brasil, há mais possibilidades de ser “juvenil” se é rico e homem. Porém, mesmo entre os pobres, é possível viver essa condição, por meio do acesso a outras vivências, nas relações com a comunidade, a família, as instituições locais, entre outros (GIL, 2011).

Apesar da ênfase nas diferenças dos jovens, existe consenso coletivo de que tem alguns aspectos que os jovens coadunam. Há um imaginário que os jovens são inerentemente contestadores, ou de que a rebeldia é passageira como a juventude. A juventude é percebida a partir de potenciais de mudança, capacidade criadora e inventiva (TROIAN; BREITENBACH, 2018).

Os jovens constroem as personalidades a partir das experiências. Nelas, eles aterrissam no presente e nele formam a personalidade, constroem a cultura e organizam o ritmo de vida, mergulhados em um tempo de incertezas. Embasados por essa oscilação de trajetórias juvenis, estes entram na fase adulta para depois redescobrir a juventude.

Na presente dissertação, a juventude é conceituada como uma condição social que mais se define pelas práticas, pelas formas diversas de atuação e de experimentação do que mesmo por conceituações e referenciais estáveis e fixos (DIÓGENES, 2012). É um conceito que ultrapassa as questões físicas, biológicas e etárias. Desta maneira, concorda-se com o termo juventudes, por perceber as peculiaridades desse grupo, na tentativa de superar as recorrentes homogeneizações dos jovens brasileiros contidas nas leis e nos programas governamentais (ANHA; CASTRO-SILVA, 2018). Isso aponta para percepção dos jovens como sujeitos que se diferenciam e se identificam em muitas dimensões, a saber: gênero, raça, classe, estilos, cotidianos e projetos de futuro.

2.2 Políticas públicas e juventudes

Os primeiros movimentos que visaram compreender as necessidades e as particularidades das juventudes em uma perspectiva mundial ocorreram a partir de 1985, quando a Organização das Nações Unidas (ONU) declarou o Ano Mundial

da Juventude. Com essa iniciativa, a ONU buscou reconhecer a importância de os jovens articularem o futuro da humanidade, participando ativamente e diretamente a nível local, regional e nacional. Este foi o ponto de partida para inserção do tema das juventudes nas agendas políticas (MARCON; GALVÃO, 2021).

No Brasil, as políticas públicas voltadas para a juventude se iniciaram na década de 1990, sendo estas direcionadas a um posicionamento de facilitadoras do processo de integração dos jovens ao mundo adulto, focando nos jovens em situação de vulnerabilidade social. Assim, os jovens eram vistos como grande problema social ou que a juventude era vivenciada com muitos riscos. A concepção de juventude era distante de sujeitos de direitos, contrariando o cenário internacional que havia avançado nas discussões sobre a juventude.

Com a promulgação do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), houve avanço nas políticas públicas voltadas para infância e juventude e na maneira do Estado reconhecer as juventudes, apesar do ECA ainda ser dedicado às infrações e à maneira de tutelar os adolescentes em conflito com a lei. Com o ECA, a noção de cidadania foi incorporada pelos programas criados para esse público (MARCON; GALVÃO, 2021).

No segundo mandato de Fernando Henrique Cardoso, surgiu o movimento de estímulo a programas voltados para a juventude relacionados à qualificação profissional, à educação, ao voluntariado e ao esporte. Segundo Sposito e Carrano (2003), esses programas ainda não constituíam compreensão do que de fato representam as políticas públicas para as juventudes. Mas, tiveram concepção ampliada das juventudes como categoria social que demanda atenção específica e ultrapassa a condição etária da adolescência, predisposta pelo limite da idade de responsabilidade civil no ECA.

Com o início da mudança sobre a concepção das juventudes nas políticas públicas, os jovens são estimulados a elaborar e realizar projetos de intervenção para solucionar problemas sociais. “A imagem do jovem como protagonista, agente de mudança, é contraposta àquela do jovem como problema social” (TOMMASI; CORROCHANO, 2020, p.362).

No governo Lula, de 2003 a 2010, houve fortalecimento no desenvolvimento e na implementação de políticas públicas para os jovens, garantindo a participação deles nos espaços de construção dessas políticas, a partir da institucionalização das juventudes nos espaços decisivos, bem como pela

definição de normas legais a nível federal e pela orientação de diretrizes e programas de financiamento nacionais, o que constituiu importante reconhecimento público de estado sobre a categoria social (SILVA, 2020).

A partir desse movimento de fortalecimento das políticas públicas das juventudes, no governo Lula, alguns marcos legais foram promulgados, com intuito de reforçar a importância das juventudes na agenda política, a saber: o Conselho Nacional de Juventude (Conjuve), por meio da Lei 11.129, que também instituiu a Secretaria Nacional de Juventude (SNJ) e o Programa Nacional de Inclusão de Jovens (ProJovem).

Entre os anos de 2011 e 2016, no governo Dilma, foi promulgado o Estatuto da Juventude que representou avanço nas políticas dirigidas aos jovens, pois foram estabelecidas diretrizes sobre os direitos e como devem ser constituídas e elaboradas as políticas para este público também a nível de estados e municípios. Princípios como a autonomia e emancipação, participação social e política, e, antes de tudo, o reconhecimento dos jovens como sujeitos de direitos (BRASIL, 2013).

Nesse ínterim, algumas mudanças importantes ocorreram no cenário nacional das políticas públicas de juventudes, a saber: foi extinto o Programa ProJovem Integrado; posteriormente ao fato, a modalidade ProJovem Campo passou a ser trabalhado junto ao Ministério da Educação (MEC); uniram ações do ProJovem Urbano com ações do ProJovem adolescente e, por fim, integraram o ProJovem Trabalhador às ações do Programa Nacional de Acesso a Ensino Técnico e Emprego (PRONATEC) (SILVA, 2020).

Com as modificações, a Secretaria Nacional da Juventude (SNJ) iniciou o processo de articulação entre políticas de juventudes nos ministérios, bem como trabalhou o diálogo com as juventudes a nível nacional. Além disso, o CONJUV passou a coordenar a SNJ e expôs o ProJovem Urbano como programa com ações integradas aos demais ministérios (SILVA, 2020).

Entre os anos 2015 e 2016, o Brasil iniciou grave crise política que resultou no impeachment da presidenta Dilma, sendo o governo assumido por Michel Temer, que realizou modificações significativas no país e, conseqüentemente, as políticas públicas de juventudes também foram afetadas, deixando de ser uma das pautas prioritárias da presidência.

Uma das modificações realizadas pelo então presidente foi ligar a SNJ à Secretaria de Governo da Presidência da República, ordenada pela Medida

Provisória de número 726/2016. Essa mudança possibilitou instabilidade nas políticas públicas de juventudes que demarcou retrocesso, o qual desloca as juventudes de sujeitos de direitos para juventudes vulneráveis às problemáticas que necessitam da intervenção do Estado (CAETANO; AZEVEDO, 2017).

Ao assumir a presidência, Bolsonaro realizou um desmonte das políticas públicas do país, e as juventudes não poderiam ficar de fora, já que as políticas públicas de juventudes tinham como base a participação social e política desses atores, Bolsonaro tinha um plano de governo contrário a essa perspectiva. Segundo Maio e Silva (2022), observou-se que, nos últimos anos, houve lacuna na literatura quanto a pesquisas que contribuam com evidências mais robustas para o desenho da trajetória das políticas públicas de juventudes.

No que concerne à inserção dos jovens no âmbito da política pública da saúde, em 1989, foi lançado, pelo MS, o Programa de Saúde do Adolescente (PROSAD). Em 1993, como parte do PROSAD, foi lançada a primeira norma de atenção à saúde integral do adolescente que tinha como objetivo principal estabelecer diretrizes e recomendações para qualificação da atenção a este grupo (PAIVA *et al.*, 2009).

Apesar de ter como linha de frente a integralidade do cuidado, as ações do programa estavam centradas na sexualidade e saúde reprodutiva dos adolescentes, principalmente dos adolescentes homens que eram considerados responsáveis pela reprodução (LIMA, 2017).

Em 1999, foi criada a Área de Saúde do Adolescente e do Jovem (ASAJ), no âmbito da Secretaria de Políticas de Saúde. Esse novo setor ficou responsável por articular todos os programas e projetos do MS que lidam com questões relativas à adolescência e juventude, por perceber a necessidade de política nacional integrada de atenção específica aos adolescentes e jovens (10 a 24 anos) (SPOSITO; CARRANO, 2003).

Sposito e Carrano (2003) afirmam que muitas das intervenções voltadas para os adolescentes e jovens falharam por conta do olhar focal e da desarticulação das iniciativas governamentais. Além disso, a participação dos jovens no planejamento, na implementação e na avaliação das políticas de saúde era escassa.

A partir da percepção da importância de uma política nacional para adolescentes e jovens, nas últimas décadas do século XX e na primeira década do

século XXI, iniciou-se um processo de formulação da Política Nacional de Atenção Integral à Saúde de Adolescentes e Jovens (PNAISAJ). Essa movimentação teve o intuito de garantir política de atenção integral aos adolescentes e jovens, de 10 a 24 anos, visando promoção de saúde, prevenção de agravos e redução da morbimortalidade (LOPEZ; MOREIRA, 2013).

Em 2007, foi lançado um manual de orientações para organização de serviços de saúde, com objetivo de fornecer orientações básicas para nortear a implantação e/ou a implementação de ações e serviços de saúde que atendam aos adolescentes e jovens de forma integral, resolutiva e participativa (BRASIL, 2007).

Ainda na perspectiva de um cuidado integral para adolescentes e jovens, as Diretrizes Nacionais para a Atenção Integral à Saúde de Adolescentes e Jovens na Promoção, Proteção e Recuperação da Saúde (2010) norteiam ações existentes no SUS, com intuito de sensibilizar gestores para visão holística do ser humano e abordagem sistêmica das necessidades dos adolescentes e jovens.

Salienta-se que as estratégias utilizadas para construção das políticas públicas das juventudes, geralmente, são marcadas por movimentos, tensões e reconfigurações que se produzem no campo das práticas juvenis. Estas deveriam considerar os aspectos que envolvem a juventude, experimentação e participação e não somente a dimensão formativa.

De acordo com Diógenes (2009, p. 278),

Uma política pública para juventude deve levar em conta aspectos que recortam o conjunto de suas experiências, suas formas de sociabilidade e as marcas e os códigos de linguagem que balizam suas linhas de comunicação e produzem um reconhecimento entre seus pares.

As juventudes, cada vez mais, têm extrapolado as formas de participação política institucionalizadas, estão atuando em bairros, comunidades, escolas, entre outros espaços, em um movimento de politização, mediante a criatividade e a resistência, trazendo à tona reivindicações/pautas, dialogando com a diversidade que é a juventude.

2.3 Juventudes e a promoção da saúde

A Política Nacional de Promoção da Saúde (PNPS), nos últimos 30/35 anos, vem sendo compreendida como estratégia de enfrentamento das iniquidades e da reorientação do modelo de saúde.

Por muito tempo, a Promoção da Saúde (PS) era compreendida como nível de atenção da medicina preventiva, focava na prevenção de agravos, sem a articulação com os demais atravessamentos sociais que permeiam esse conceito. Com a evolução conceitual, a PS passou a representar também enfoque político e técnico em torno do processo saúde-doença-cuidado (BUSS *et al.*, 2020).

Buss *et al.* (2020, p.4726) afirmam que todas as conceituações de PS podem ser resumidas em dois grupos, a saber:

O primeiro diz respeito a atividades dirigidas à transformação dos comportamentos individuais, localizando-os no seio das famílias e nos ambientes comunitários. Nesse caso, os programas tendem a concentrar-se em componentes educativos relacionados a riscos comportamentais passíveis de mudanças e sob controle das pessoas, como o hábito de fumar, a dieta gordurosa, o sedentarismo e a direção perigosa. O segundo grupo enfatiza o papel protagonista dos determinantes gerais sobre as condições de saúde e se sustenta no entendimento de um amplo espectro de fatores como alimentação, habitação e saneamento; condições de trabalho; oportunidades de educação ao longo da vida; ambiente físico; apoio social para famílias e indivíduos; estilo de vida responsável; e cuidados de saúde.

A PNPS foi instituída pela Portaria MS/GM nº 687/2006, havendo atualizações nos anos de 2014 e 2017, esta é uma política transversal que estimula o diálogo entre os diversos setores públicos, privados e sociedade civil, com objetivo de construir redes de compromisso e corresponsabilidade, no que concerne à qualidade de vida da população.

A PS tem como princípios a equidade, a participação social, a autonomia, o empoderamento, a intersetorialidade, a intrasetorialidade, a sustentabilidade, a integralidade e a territorialidade.

Segundo Buss *et al.* (2020), a PS trabalha com a ideia de responsabilidade múltipla pelos problemas e pelas soluções. Isso significa que participar dos processos de promoção da saúde direciona para necessidade de estruturar estratégias de empoderamento dos sujeitos que forneçam meios e recursos que potencializam o controle sobre os determinantes sociais que afetam a saúde da população.

A PS é um meio importante para construção de um lugar de participação ativa dos jovens em contextos de vida. A participação social, princípio da promoção da saúde, implica construção de ações que incluam a diversidade da juventude, respeitando as vivências dela (ARAÚJO; MUÑOZ, 2020).

Guimarães e Lima (2011) afirmam que a participação é central na os, enquanto exercício formativo o qual o jovem tem a possibilidade de encontrar o próprio estilo, sendo autor do próprio caminhar.

A participação social juvenil nas ações da saúde é fundamental para promoção da saúde, bem como para fortalecer a autoestima, a assertividade e o projeto de vida. Além disso, proporciona maior eficácia, resolutividade e impacto social.

No SUS, a participação social é garantida pela Lei nº 8142/90 que dispõe sobre a participação da comunidade na gestão do SUS, por meio de instâncias de deliberação e discussão nas três esferas de governo, com distribuição paritária entre trabalhadores, gestores e usuários. Essas instâncias são os Conselhos e as Conferências de Saúde, que tanto são propositores de estratégias de controle e execução como avaliam e sugerem mudanças nas políticas de saúde (BRASIL, 1990).

A participação social é a forma de assegurar a garantia dos direitos dos cidadãos e os espaços de decisão popular. Para Escorel (2008, p.858),

a participação social é conceituada como: um conjunto de relações culturais, sociopolíticas e econômicas em que os sujeitos, individuais ou coletivos, diretamente ou por meio de seus representantes, direcionam seus objetivos para o ciclo de políticas públicas, procurando participar ativamente da formulação, implementação, implantação, execução, avaliação e discussão orçamentária das ações, programas e estratégias que regulam a distribuição dos bens públicos e, por isso, interferem diretamente nos direitos de cada cidadão.

É possível vislumbrar espaços de participação social de maneira dialogada e não institucionalizada. Nesta perspectiva, a problematização pelo diálogo visa gerar mais autonomia e criticidade nos sujeitos, tornando-os protagonistas das próprias vidas, por meio da compreensão da história, dos valores, da política e da cultura, promovendo, assim, releitura da realidade e implementação de ações concretas na direção da mudança (GADELHA; SOUZA, 2015).

Assim, a participação social se define como processo de desenvolvimento da consciência crítica e de aquisição de poder e, ao mesmo tempo, como

necessidade humana fundamental. Desta forma, deve ser considerada um direito das pessoas.

A participação social que visa melhora de situações pontuais pode ter função adaptadora, fugindo do sentido real de participação social adotada neste estudo. Deixa de ter função transformadora da realidade para realizar o assistencialismo do sistema político geral.

No Brasil, a definição de protagonismo juvenil surgiu em um contexto de renovação da ideia de participação, mais fortemente no contexto da educação formal. Além disso, o protagonismo juvenil assume centralidade nos programas de promoção da saúde de adolescentes e jovens.

A relação entre os programas de saúde e os de educação ajudam a reforçar o conceito de juventude relacionado ao biológico, nos ciclos de vida (evolutivos), deixando de lado o social, o político em que todo cidadão está engajado (Baquero, 2013).

Nesse sentido, o conceito de protagonismo juvenil foi criado e mantido pelo terceiro setor, principalmente, com o foco de formar lideranças, responsabilizando a juventude pela resolução dos problemas. Já a participação social juvenil implica dimensão ética, política e coletiva de transformação social ampliada, que não responsabiliza unicamente o jovem, mas compreende como parte de um coletivo.

Segundo Boghossian e Minayo (2009), para que o processo de construção de políticas públicas para as juventudes se concretize, é necessária busca pelo fortalecimento de identidades, em que, por meio da atuação dentro de determinados grupos ou movimentos sociais, os jovens criem alianças com outros jovens que tenham objetivos em comum, unindo forças para o alcance de determinados fins. Ou seja, a construção de ações governamentais, apesar de ser um direito de todos, é construída a partir de debates, críticas e levantamento de propostas realizadas pela sociedade civil.

3 CAPÍTULO 2: CAMINHO SE CONHECE ANDANDO - O PERCURSO

3.1 Metodologia da pesquisa

No presente capítulo, descreve-se o percurso metodológico da pesquisa e como esta foi desenvolvida. Adotaram-se as técnicas de histórias de vida, o registro em diário de campo e coletadas imagens do site e das redes sociais oficiais do CUCA.

3.1.1 Tipo de pesquisa

A pesquisa qualitativa, do tipo exploratória, tem como fundamento teórico a necessidade de problematizar. Esta se faz relevante, por trabalhar com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes. Esse conjunto de fenômenos humanos é entendido aqui como parte da realidade social, pois o ser humano se distingue não somente por agir, mas pensar sobre o que faz e por interpretar as ações dentro e a partir da realidade vivida (Minayo, 2010).

3.1.2 Cenário da pesquisa e participantes

A Rede CUCA é uma rede de proteção social e oportunidades formada por um conjunto de cinco complexos multiculturais, esportivos e educacionais denominados Centros Urbanos de Cultura, Arte, Ciência e Esporte (CUCA), no município de Fortaleza/CE, Brasil. A rede desenvolve ações de difusão cultural, práticas esportivas, formações e produções na área de comunicação, de fortalecimento do protagonismo juvenil, promoção de direitos humanos e atividades de promoção da saúde e prevenção de agravos; voltada para jovens na faixa etária de 15 a 29 anos (REDE CUCA, 2023).

Os CUCA estão localizados nas diferentes Secretarias Executivas Regionais de Fortaleza (SER) que são unidades político-administrativas criadas em 1997 que funcionam como pequenas prefeituras, com intuito de descentralizar a atuação do poder executivo municipal (ANDRADE; REMÍGIO, 2017).

Esses equipamentos são mantidos pela Prefeitura Municipal de Fortaleza, por meio da Coordenadoria Especial de Políticas Públicas de Juventude. Atualmente, funcionam cinco CUCA: CUCA Barra, CUCA Jangurussu, CUCA Mondubim, CUCA José Walter e CUCA Pici, localizados em bairros periféricos na cidade de Fortaleza, com altos índices de vulnerabilidade social, cujas oportunidades de crescimento acadêmico e profissional, tradicionalmente, não se projetam.

De acordo com o site, a rede CUCA tem: direitos humanos e cidadania, sustentabilidade, esporte, JUVTV, cultura, cursos de artes e formação, biblioteca, trabalho e empregabilidade (<https://juventude.fortaleza.ce.gov.br/rede-cuca>).

A pesquisa foi desenvolvida no CUCA - Che Guevara -, conhecido como CUCA Barra. Inaugurado em 10 de setembro de 2009, o CUCA Barra foi o primeiro equipamento CUCA da cidade localizado no bairro Barra do Ceará, na SER I. Essa regional atende à população residente nos bairros: Barra do Ceará, Cristo Redentor, Pirambu, Moura Brasil, Carlito Pamplona, Jacarecanga, Álvaro Weyne, Vila Ellery, Monte Castelo, São Gerardo, Farias Brito, Vila Velha, Jardim Guanabara, Floresta e Jardim Iracema.

O equipamento tem área total de 14 mil m², composto por ginásio coberto, anfiteatro, pista de skate, piscina semiolímpica, campo de futebol de areia, bem como cineteatro, salas de aula e laboratórios equipados para cursos de fotografia. O CUCA é uma referência no bairro e tornou-se símbolo da política pública de juventude de Fortaleza.



Figura 1 – Entrada do CUCA Barra

Fonte: Instituto CUCA (2021).

Nota: Disponível em: <https://institutocuca.org.br/rede-cuca-barra/>. Acesso em: 24 jun. 2023.



Figura 2 - Vista aérea do CUCA Barra

Fonte: Mapa Cultural do Ceará (2015).

Nota: Disponível em: <https://mapacultural.secult.ce.gov.br/espaco/49/>. Acesso em: 24 jun. 2023.

Participaram da presente pesquisa dez jovens, na faixa etária de 15 a 29 anos, oito do sexo feminino e dois do sexo masculino.

A amostra ocorreu por meio da ferramenta bola de neve que consiste em amostra não probabilística que usa redes de referência e indicações. À medida que os jovens iam sendo entrevistados, indicavam outros jovens para participar da pesquisa. Destaca-se que primeira jovem entrevistada foi indicada por uma profissional do equipamento, por ser monitora no CUCA Barra e participar ativamente das atividades do equipamento, bem como ser representatividade para os demais jovens do serviço.

Os critérios de inclusão na pesquisa foram: estar na faixa etária entre 15 e 29 anos, vinculados ao CUCA, realizar atividades de promoção da saúde e aceitar participar da pesquisa. Os critérios de exclusão na pesquisa foram: não estar na faixa etária selecionada, não realizar atividades de promoção da saúde, não aceitar participar e/ou desistir da pesquisa.

3.1.3 Coleta de dados

A coleta de dados ocorreu pela história de vida tópica que permite aprofundar a análise de uma situação ou etapa da vida pessoal.

A história de vida procura apreender o conteúdo e os aspectos subjetivos relativos à descrição da própria vida por parte do sujeito (SILVA *et al.*, 2020). A maneira investigativa das histórias de vida destaca a importância das influências

ambientais - físicas, sociais e culturais – na formação da subjetividade. Cada história de vida relata uma singularidade impossível de generalizar, resultante de vivência pessoal e contextualizada. Desta maneira, em uma narrativa de história de vida, encontra-se o reflexo da dimensão coletiva a partir da visão individual.

Por fim, Silva *et al.* (2020, p.1096) afirmam que

À medida que se narra a própria história, os sujeitos dão novos sentidos, ressignificam e se reposicionam diante da própria história, analisando por novas perspectivas os eventos vividos. A história de vida narrada produz um conjunto de passagens que podem ser decompostas e analisadas com vistas à identificação de posições e papéis exercidos pelos sujeitos em situações históricas-concretas.

A entrevista aberta, realizada na história de vida, é um diálogo com fins definidos que possui roteiro que não o tradicional, porém não há predefinição de problemática na fala dos entrevistados. Essa metodologia permite que o entrevistado conheça e interprete as próprias vivências (MINAYO, 2010).

Dessa maneira, para nortear a entrevista, utilizou-se da pergunta-chave: Conte-me o que ocorreu em sua vida após o início da sua participação nas atividades desenvolvidas no CUCA. Por ser entrevista aberta e, por vezes, com possibilidades de desvio do tema e/ou pessoas com dificuldades de fazer narrativas, elaborou-se roteiro (Apêndice A) para auxiliar no curso da entrevista. Realizou-se apenas um encontro com cada jovem entrevistado.

Ademais, utilizou-se do diário de campo como instrumento de coleta de dados que permite o conhecimento da vivência cotidiana do campo, não o “como fazer” das normas, mas o “como foi feito” da prática. O diário de campo produz conhecimento sobre a temporalidade da pesquisa (LOURAU, 1993). É um instrumento que traz à tona o não dito.

3.1.4 Referencial de análise de dados

Para análise de dados, adotou-se a análise de conteúdo de Bardin, técnica de análise das comunicações que irá analisar o que foi dito nas entrevistas ou observado pelo pesquisador. Na análise do material, busca-se classificá-los em temas ou categorias que auxiliam na compreensão do que está por trás dos discursos (SILVA; FOSSÁ, 2015). Destaca-se o caráter social da análise de

conteúdo, pois é uma técnica com objetivo de produzir deduções de um texto para o contexto.

A análise de conteúdo trata de um conjunto de instrumentos metodológicos, em constante aperfeiçoamento, que objetiva analisar diferentes fontes de conteúdo.

De acordo com Bardin (2011), a análise de conteúdo é dividida em três etapas: pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados, inferência e interpretação.

Na presente pesquisa, a construção das categorias ocorreu da seguinte maneira:

- Inicialmente, realizou-se a transcrição das entrevistas, ouvindo atentamente as falas e as entonações do que foi dito;
- Em seguida, procedeu-se à leitura flutuante das entrevistas transcritas;
- A partir da leitura das entrevistas, realizou-se a codificação das mesmas;
- Com a codificação das entrevistas, construíram-se as categorias;
- Por fim, interpretaram-se as categorias, articulando-as com o referencial teórico escolhido na referida pesquisa.

Assim como as entrevistas foram analisadas, o diário de campo, após a construção nas idas ao CUCA, foi lido com atenção e conectado com as categorias construídas e articulado com o referencial teórico.

Além disso, as imagens coletadas no site e no Instagram do CUCA foram essenciais para ilustrar as atividades que foram citadas no processo de análise dos dados, o que possibilita ao leitor pequena dimensão do que é o equipamento.

3.1.5 Procedimentos

Inicialmente, a pesquisa foi submetida ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA), atendendo às exigências da Resolução do Conselho Nacional de Saúde (CNS) nº 446/12, que dispõe sobre os direitos e deveres daqueles que participam de pesquisa, da comunidade científica e do Estado. O projeto de pesquisa foi aprovado, tendo como número de parecer 5.702.611.

O primeiro contato foi realizado com a coordenação do CUCA Barra, com intuito de explicar a pesquisa, os objetivos e as técnicas a serem utilizadas. Em seguida, solicitou-se a carta de anuência da instituição, como forma de assegurar a realização da pesquisa no equipamento, dando ciência aos responsáveis pela inserção da pesquisadora no CUCA.

Após o acordo firmado entre a pesquisadora e a instituição, iniciaram-se as visitas ao equipamento para aproximação com o campo de prática. As visitas foram registradas no diário de campo da pesquisadora, instrumento importante para o percurso da pesquisa, pois os acontecimentos não citados nas entrevistas, bem como as percepções da pesquisadora acerca do funcionamento do CUCA foram anotados.

A primeira entrevista ocorreu com uma jovem monitora do equipamento que é referência para outros jovens no CUCA. Essa entrevista ocorreu em dia e horário combinado com a referida jovem. Ao final desse momento, a jovem indicou outra jovem para participar da pesquisa e assim ocorreu sucessivamente, um jovem indicando o outro, até ocorrer a saturação.

As entrevistas ocorreram individualmente, em dia e horário previamente combinados com os jovens. As entrevistas foram gravadas mediante autorização escrita e verbal. Também, esclareceu-se a maneira de tratamento dos dados.

4 CAPÍTULO 3: OS JOVENS TÊM FOME DE QUÊ? ALGUNS APONTAMENTOS ACERCA DO DISCURSO DAS JUVENTUDES DO CUCA

No presente tópico, apresentam-se os achados da pesquisa a partir das histórias de vida dos jovens que frequentam o CUCA. Como também, procede-se à análise dessas histórias, à luz da produção teórica sobre juventude, políticas públicas e promoção da saúde.

4.1 Resultados

A partir da análise das entrevistas realizadas com os jovens que participam do CUCA, foi possível construir o Quadro 1 com a caracterização desses jovens, sendo parte objetiva da entrevista, bem como elaborar três grandes categorias que contemplaram as falas dos entrevistados.

Para iniciar a apresentação dos resultados, é importante descrever os jovens que participaram da pesquisa. O Quadro 1 representa breve panorama do perfil dos interlocutores. Os nomes dos jovens são fictícios, de forma a preservar as identidades deles.

Quadro 1 – Caracterização dos(as) entrevistados(as)

Entrevistado(a)	Idade	Identidade de gênero	Cor/Raça	Escolaridade	Bairro de residência
1.Vanessa	22 anos	Mulher trans	Preta	Cursando o Ensino Superior	Barra do Ceará
2.Ana	22 anos	Mulher cis	Parda	Cursando o Ensino Superior	Itaperi
3.Joana	19 anos	Mulher cis	Parda	Ensino Médio Completo	Barra do Ceará
4.Clara	20 anos	Mulher cis	Parda	Ensino Médio Completo	Elbery
5.Maria	16 anos	Mulher cis	Parda	Cursando o Ensino Médio	Barra do Ceará
6.Gemma	23 anos	Mulher cis	Branca	Cursando o Ensino Superior	Barra do Ceará
7.Inês	19 anos	Mulher cis	Branca	Cursando o Ensino Superior	Cristo Redentor

Entrevistado(a)	Idade	Identidade de gênero	Cor/Raça	Escolaridade	Bairro de residência
8.Teresa	15 anos	Mulher cis	Parda	Cursando o Ensino Médio	Barra do Ceará
9.Marcos	18 anos	Homem cis	Parda	Ensino Médio Completo	Barra do Ceará
10.João	23 anos	Homem cis	Pardo	Ensino Médio Completo	Barra do Ceará

Fonte: Própria autora, a partir das informações coletadas (2023).

Os participantes tinham entre 15 e 23 anos, estavam cursando ou já concluíram o ensino médio e quatro estavam cursando o nível superior. A inserção no ensino superior foi fruto das vivências no CUCA, as quais possibilitaram que esses jovens percebessem o leque de possibilidades presentes nas atividades. O olhar intersetorial do CUCA faz com que os professores estimulem os jovens a perceberem as oportunidades que aquela atividade proporciona, principalmente no que se refere ao setor profissionalizante, pois é uma tentativa de garantir que os jovens tenham acesso ao trabalho.

Os jovens entrevistados moram na área de referência do CUCA Barra, são bairros periféricos com alto índice de vulnerabilidade social, mesmo alguns tendo afirmado que não moravam nos locais mais vulneráveis dos respectivos bairros. Diante dessa situação, a maioria dos residentes das periferias é de pessoas negras, logo, merece atenção quando somente uma entrevistada se autodeclara preta.

Outro ponto de alerta é em relação à identidade de gênero. Apenas uma jovem se autodeclarou mulher trans. Em um espaço como o CUCA que concentra várias juventudes, surgiu o seguinte questionamento: quais atividades os jovens trans participam? Quais são os horários que frequentam o CUCA?

Com a caracterização dos jovens, percebeu-se que a amostra era de uma juventude periférica, majoritariamente parda, com amplitude em relação à faixa etária e tinha a maioria inserida na educação, fosse na escola ou na universidade.

Nas entrevistas realizadas, emergiram três grandes categorias que englobaram as falas dos entrevistados e dialogaram entre si.

4.1.1 Concepção de Promoção da saúde

Nas entrevistas realizadas com os jovens do CUCA Barra, a promoção da saúde foi definida como o cuidado com a saúde física e mental, sendo a primeira direcionada para prevenção de agravos. Entende-se por prevenção de agravos a ausência de doença, e o discurso esteve voltado ao conhecimento epidemiológico, objetivando o controle da transmissão de doenças infecciosas e a redução do risco de doenças não transmissíveis. Assim, os jovens trouxeram essa dimensão da promoção da saúde de realizar atividade física para evitar doenças futuras, isso significa promover saúde.

Em relação ao cuidado da saúde física, percebeu-se que o CUCA possui forte influência nos aspectos relacionados à construção de um estilo de vida mais saudável, que foi ressaltado nas falas:

[...] na questão de saúde, também que eu tenho é hereditária...hereditariedade em hipertensão. E colesterol esses problemas familiares. Então, eu acabo evitando. Porque eu comecei a me alimentar melhor, comecei a me exercitar. Enfim, uma vida de atleta [...] Aí, eu comecei a gostar. Pegar o gosto e isso foi em dois mil e dezoito para dois mil e dezenove. Aí, eu com seis meses mais ou menos eu já fiz minha primeira luta representando o é... o instituto, o Instituto CUCA e desde então, eu estou aqui. Faz quase cinco anos, eu acho mais ou menos e melhorou muito meu estilo de vida. Joana

Eu cheguei no CUCA depois de saber que tinha [...] que tinha o MMA como modalidade de esporte. Eu achei necessário que eu precisava para mim como questão de saúde me movimentar, aí, eu comecei a praticar [...] porque antes da pandemia, eu me movimentava muito, jogava bola, só que depois da pandemia, eu fiquei muito tempo parado e eu sentia muitas dores no joelho e outras partes do corpo. Aí eu vi que eu precisava fazer alguma coisa para movimentar meu corpo para poder ter saúde [...] percebi melhor a saúde física. Marcos

[...] A dançar, a estar ali frequentando e, aí, eu comecei a conhecer o CUCA. E conhecer os cursos, eu sempre tive sonho de fazer balé, só que nunca fiz. Aí, comecei a frequentar, fazer os cursos lá na Barra e, de certa forma, ir para Barra se tornou um escape, sabe? Algo que fugisse da rotina que realmente começou a me fazer bem. Que eu comecei a conhecer novas pessoas, praticar atividade física, é tanto que depois que eu comecei a dança, eu comecei a ter interesse por outras atividades físicas, é tanto que eu fiz, comecei a fazer cross, crossfit lá, eu fiz o balé lá, cheguei a fazer até jiu-jitsu que eu nunca me vi fazendo nenhum esporte de luta assim, mas, aí, eu comecei a fazer o jiu-jitsu. Só que o jiu-jitsu eu fiz no CUCA do José Walter. Mas, eu fiz lá e, aí, hoje em dia, eu não estou fazendo nenhum esporte assim, cross estou só na dança e eu sinto falta. Chega sinto o meu corpo assim pedindo para eu me movimentar, para, aí, eu ir atrás de alguma coisa para não ficar parada. Ana

Nas falas acima, os jovens explicitaram a preocupação no que concerne às doenças hereditárias. A prática esportiva é uma tentativa de evitar aquilo que está presente geneticamente e não se tem controle. Além disso, mostra a reação em cadeia, quando se inicia a atividade física e, conseqüentemente, vai melhorando outros aspectos da vida, como se alimentar melhor, sentir menos dores, se sentir mais disposta, se conectar melhor com outras pessoas, entre outros. Essa melhora no bem-estar pode ser percebida pelas falas que trazem sentimentos de empolgação e satisfação com a atividade desenvolvida no CUCA, como ressaltaram Joana e Ana.

A pandemia apareceu na fala de Marcos, informando o quanto esse período de isolamento social impactou a população e, principalmente, a juventude. Na fala, Marcos afirmou que sentiu dores porque estava sem praticar esportes. Em outras entrevistas, além da dor física, os jovens trouxeram demandas de saúde mental após o período da pandemia. A temática da pandemia aparecerá mais à frente novamente.

Os jovens que praticam atividade no CUCA têm a possibilidade de participar de campeonatos locais, estaduais e nacionais, representando o equipamento. Então, a excitação pela prática esportiva também ocorre por essa oportunidade que os jovens têm. Isso interfere diretamente na dedicação deles ao esporte.

Outro ponto importante trazido nas falas dos jovens e no diário de campo da pesquisadora, em relação à prevenção dos agravos, é o programa CUCA saudável, coordenado pela enfermeira e tem algumas atividades e atendimentos: testes rápidos, consultas com a enfermeira, consultas com os estudantes de medicina da UFC, rodas de conversa, barracas nas atividades culturais.

As rodas de conversa ganharam destaque nas falas e no diário de campo. Estas abordam temas variados, sempre fazendo relação da temática juventudes e saúde. Seguem as falas e os apontamentos do diário de campo:

[...] no caso, realizar testes gratuitos contra a prevenção de IST porque eu não sabia que tinha até eu ir lá e saber que lá também ofertava essa testagem gratuita. Então, para mim, foi muito rico entrar nesse espaço e começar a frequentar. Foi muito muito importante mesmo. Inês

Foi um momento super importante porque os jovens e familiares tiraram dúvidas, não só sobre as infecções, mas outras coisas relacionadas às atividades sexuais dos mesmos. Além disso, na roda, estavam presentes pessoas que vivem com as IST. A participação dessas pessoas foi um

destaque importante para desmistificar o estereótipo das pessoas que vivem com as infecções. Pois, devido à criação midiática no que concerne aos corpos que vivem com IST o imaginário popular acredita que são pessoas raquíticas, com aspecto envelhecido e adoecido. [...] A roda possibilitou que muitos jovens soubessem que no CUCA são realizados testes rápidos e os encaminhamentos necessários, caso precise. Caso contrário, existe o CUCA Saudável que é um programa da rede CUCA que conta com uma enfermeira que realiza atendimentos e orientações individuais para os jovens, bem como atividades para os jovens relacionados à saúde. Essa roda de conversa de hoje foi uma realização do CUCA Saudável. Diário de Campo

A proposta do CUCA Saudável é uma garantia de ter acesso à saúde, pois muitos jovens relatam ter dificuldade em acessar o posto de saúde para realizar os testes, consultas ou esclarecer dúvidas. No CUCA, por ser espaço das juventudes, os jovens se sentem mais acolhidos e, conseqüentemente, envolvem-se nas atividades. Destaca-se ainda que, em algumas entrevistas, os jovens ressaltaram que como, geralmente, os profissionais do CUCA são outros jovens, isso facilita a aproximação e o engajamento deles.

No que concerne à saúde mental, os jovens relataram melhora nesse âmbito, participando das atividades do CUCA. Na vivência de jovens periféricos, diversos fatores podem afetar e prejudicar a saúde mental, a saber: a discriminação, a desigualdade socioeconômica, o atravessamento da violência nas vidas deles, a fragilidade nas relações familiares, entre outros aspectos. É o que demonstram as falas que seguem:

Eu cheguei aqui tipo muito angustiada. Não é só questão de saúde, é questão mental mesmo. Eu não estava me sentindo bem [...] Eu me senti muito bem acolhida. Além de eu ganhar força física, eu também ganhei resiliência, porque o esporte não é só físico. Ele trabalha a questão tanto da resiliência da pessoa como emocional, sabe? Quando como você lida com a coisa na sua vida, porque, às vezes, nem tudo é... pá! Só socar, você tem que ficar bem para aguentar pancada. E a mesma coisa você leva para a vida. Não é só porque você caiu que você vai ficar no chão, você tem que se levantar. Clara

Entrei no CUCA por conta da ansiedade, que eu tinha muita e não me sentia muito segura em casa em relação a algo que eu sofri na infância [...] sinto que melhorou muito [...] me mantém mais calma. Maria

Pronto. Sobre isso eu acredito que esteja muito ligado à questão de saúde mental mesmo. Então, essa questão das drogas também está relacionada à prevenção ao uso de drogas. Eu acredito que o CUCA serve como projeto social, como o instituto promover questões/ações voltadas a esses dois pontos: promoção de saúde mental, seja com palestras, seja com ações, seja com assistência psicológica em si né de poder ter a terapia gratuita para quem necessita quanto a outra questão de prevenção de uso de drogas né? Eu acredito que pode ter ações falando sobre esses dois pontos que eu acho que são importantes. Inês

É importante ressaltar que falar sobre saúde mental é abordar o contexto social que o sujeito está inserido, pois não tem saúde mental se não tem garantia de direitos. O papel do CUCA na vida das juventudes direciona justamente para o acesso aos direitos. É o equipamento o qual os jovens conseguem acessar, sem sofrerem preconceitos, o direito à saúde, educação, trabalho, arte, esporte, cultura e lazer.

A maneira que foi construída a categoria juventude influencia o comportamento dela. Muitas vezes, a juventude é definida como uma época de rebeldia, o que dificulta o diálogo e a participação dos jovens na sociedade “formal”. Assim, é criada uma maneira de tratar a juventude que carece de acolhimento e gera fragilidade nas relações inter e intrapessoais, ocasionando o que foi dito por Maria. Por ser um espaço das juventudes, o CUCA ocupa o lugar de acolhimento que, muitas vezes, os jovens não encontram em suas casas.

Clara traz na fala um outro lugar para a prática esportiva. Não é só o cuidado físico, do corpo, mas também o cuidado da saúde mental. Assim, compreende-se, então, que a vida das pessoas é norteadas por diversos aspectos, como questões culturais, familiares, políticas, direitos e deveres, oportunidades, trabalho, diferentes necessidades de autocuidado e lazer, entre outros. Isso corrobora o conceito ampliado de saúde e de saúde mental, para ter saúde/saúde mental, é necessária a garantia dos direitos enquanto cidadãos.

Na perspectiva do acolhimento dos jovens, o CUCA foi importante dispositivo de cuidado desses jovens na época da pandemia, principalmente no retorno às atividades presenciais. Pois, diante do momento vivido, o isolamento social, o distanciamento, a restrição dos espaços públicos e dos grupos que auxiliam no cuidado de saúde mental, possibilitou sofrimento aos jovens, já que as relações que constituem a rede de apoio se tornaram distantes. Além disso, a convivência familiar intensa exacerbou as fragilidades familiares que não eram aparentes por conta da rotina.

Nas falas a seguir, as jovens ressaltaram que o momento de isolamento social proporcionou fragilidade na saúde mental e nos processos individuais de cada uma.

E também tem a questão tipo como eu ficava muito em casa é tendencioso aquele ciclo de você se reprimir, se deprimir porque você fica parado. Você para sabe? E com certeza fez toda diferença para mim. Ajudou muito. Na época da pandemia que estava todo mundo de quarentena. Nossa senhora, foi horrível, sério. A gente se encontrava on-line, mas era em casa. Então,

foi difícil. Não ter aqueles momentos todo sábado com as meninas, saindo de casa, me exercitando foi difícil. Ana

Aí, quando eu entrei aqui, eu fui mudando, sabe? Eu fui superando meus medos, eu tinha medo, muito medo de apanhar. Eu consegui tipo meio que [...] botar [...] conversar com pessoas por conta da pandemia, eu estava em isolamento, aí, eu não consegui. Ficava, ficava tipo [...] meio esquisito. Eu ficava falando com as pessoas, agora eu consigo falar bem melhor. Deixei-me ver outra coisa [...] acho que melhorou muito o meu estado emocional, não é à toa que isso aqui para mim é uma terapia, porque antes de eu vim para cá, eu fazia terapia para cuidar da saúde. Clara

Como foi dito anteriormente, a pandemia foi um período que interferiu diretamente na saúde mental das pessoas. A juventude foi uma das parcelas da população que mais sofreu com esse período. O contato social com os pares possibilita a construção do sujeito jovem, a partir do momento que há interrupção nesse convívio por qual motivo seja, o jovem se fragiliza e desencadeia uma série de sentimentos que os desestabilizam emocionalmente. Além de ter que lidar com o isolamento social, a juventude vivenciou o processo de adoecimento e a perda das pessoas pela COVID-19.

As reações emocionais foram das mais diversas que ainda reverberam hoje no cotidiano dos jovens.

4.1.2 Participação social juvenil e as redes de interlocução

A participação social juvenil é um dos princípios que definem a promoção da saúde. Nas entrevistas, os jovens trouxeram a participação como um ponto importante nas histórias de vida, desde a entrada deles no CUCA até a participação enquanto lideranças dos grupos ou no exercício do cargo de monitoria.

A maneira como os jovens entraram no CUCA demonstra a importância da construção de uma rede de apoio para participação em algumas atividades de interesse. As falas a seguir relatam como os jovens entrevistados chegaram ao CUCA e ingressaram nas atividades. Destaca-se a importância dessa identificação com os pares para a realização e/ou participação daquilo que acredita e gosta.

[...] E sim um brother meu me chamou: ei, man, bora lá no CUCA para ver como é que e tal para ver se tu gosta de treinar mano, se o professor gostar de ti, ele vai deixar você treinar tal. João

Eu tinha interesse, mas nunca tinha me movimentado para ir até eles. Até porque eu não sabia como funcionava e tal não tinha ninguém que me explicasse. Aí, uma amiga minha namorava com outra menina, aí, meio que

disse que eu dançava, aí, essa menina me chamou. Foi por meio de amigos. Gemma

Na verdade, depois que [...] era meio que obrigatório. Na época da escola. Aí, depois que eu saí, simplesmente tive vontade, não estou fazendo nada, só estudo, então, vou fazer alguma coisa. Fazer um esporte. Como eu já tinha praticado a modalidade. Eu peguei e me inscrevi, na época era eu e uma amiga, só que ela acabou desistindo e eu continuei. Eu acho que foi mesmo um interesse meu porque é como a minha professora fala, foi uma sementinha que foi plantada. Na época e tal e também na época, eu não era tão empenhada. Aí, eu ficava fazendo corpo mole e tal. Aí, depois, quando eu vi, eu me engajei de verdade. Sendo que hoje em dia eu já representeia instituição em eventos. Joana

Essa rede de conexões entre os jovens facilita o processo de participação social juvenil. A partir das vivências, os jovens vão se espelhando uns nos outros e encontrando os pares como maneira de ocupar os espaços.

A participação social implica construção de ações que incluam diferentes formas de existência, respeitando vivências e percursos variados.

A entrevistada Vanessa traz na fala novas formas de fazer política:

Bom, é eu me considero mesmo uma pessoa jovem ocupando um espaço que tal hora é um espaço de muita importância. Porque a ballroom, a ballroom cearense, ela foi criando e tomando um espaço de direitos humanos mesmo, sabe? O que no começo era para era de celebrações porque o que é a ballroom? Ballroom é uma cultura preta LGBT que nasceu na periferia de Nova York, no Harlem. E aí ela foi iniciada por uma travesti preta que é a Crystal LaBeija e, tal hora, ela, a 40allroom ela chega aqui no Ceará com os treinos de Vogue. Aí, tiveram as primeiras balls, tiveram as primeiras balls que também tiveram as categorias de estética que são as categorias que eu faço parte, mas aos poucos, a ballroom ela também foi tomando espaços de humanização, acho que eu vou dizer assim. Apesar da ballroom já ter esse espaço aqui no Ceará, foi se tomando e eu fui indo junto a gente foi fazendo é doações de roupas, a gente também facilitou o acesso de pessoas que estavam em situação de vulnerabilidade, na verdade de pessoas que estavam em situação de vulnerabilidade. E, aí, a gente foi fazendo parcerias com outros locais, como a casa transformar por exemplo e o que é muito bom, sabe? Para mim, é muito importante que eu gosto de trabalhar com isso e aí tal hora a ballroom me permite trabalhar com isso dentro desse espaço. Vanessa

A partir da fala de Vanessa, destaca-se a importância desse movimento, ballroom, para a juventude negra e periférica, o qual é representativo para a comunidade LGBTQIAPN+, pois é uma cultura que se estrutura em performances competitivas e em uma rede de apoio aos membros que buscam lugar de aceitação e exaltação dos corpos.

A ballroom se caracteriza como movimento social que aproxima as pessoas por uma temática específica e demarca o espaço na sociedade. Essa

cultura representa, também, novas formas de organização e participação social das juventudes. É uma das maneiras que a juventude encontra para se afirmar enquanto sujeitos de direitos. Salienta-se que a juventude não sente obrigatoriedade na filiação a partidos políticos e/ou sindicatos para participarem das questões/movimentos sociais.

No CUCA, a participação social se apresenta de diversas formas, seja na participação nos coletivos, no esporte, na cultura, na monitoria, na comunidade, entre outros



Figura 3 – Página do Instagram – Ballroom

Fonte: Instagram - @redecuaoficial (2023).



Figura 4 – Página do Instagram – Comunidade em Pauta

Fonte: Instagram - @redecucaoficial (2023).

O CUCA é um equipamento que está na contracorrente das políticas públicas de juventude, pois facilitam os processos de participação social juvenil, a partir de uma lógica de diálogo e construção com esses atores, o que aproxima a juventude desses espaços. A linguagem e as ações são construídas com e para a juventude.

As falas de Ana, Vanessa, Inês e João expressaram as diversas maneiras de participação social que ocorrem no CUCA.

Sim, sim. Principalmente quando [...] porque além do Sennomi, eu ensaio a parte por causa do Sennomi. Eu desenvolvi esse gosto pela dança e eu frequento tanto o CUCA do José Walter, o CUCA do Pici, então isso é a partir do Sennomi, então é algo meu. Então, eu tenho que ir lá, eu que vou atrás, então, eu me sinto protagonista, mesmo porque sou eu. Eu que tenho que ter essa responsabilidade em apresentar, em ensaiar, essas coisas e é muito bom. Ana

Tanto de dançar quanto atualmente eu acho que desenvolvo o papel de ajudante da líder, que no caso é a Jamaira. Eu tive um pouco de autonomia para ajudar ela a coordenar os ensaios que a gente realiza, de dar uma certa ajuda/assistência na questão de passar os avisos, tentar coordenar quando ela não pode estar presente. Eu normalmente tento realizar esse papel quando ela não está presente ai eu tento dar um pouco de direcionamento para as meninas.[...] A percepção que eu tenho minha

mesmo é que para mim é um pouco difícil porque eu não sou habituada né? Nessa questão de ser uma figura de liderança participativa é uma coisa que eu tô construindo, sabe? Estou construindo. Estou tentando ter essa participação mais ativa. E quando eu vejo outras pessoas isso me instiga mais. Para mim é importante também essa questão dos diversos jovens, né? Os plurais porque assim os jovens porque jovens são muito diversificados então é muito interessante também ver que tem a diversidade ali. Nesse ingresso de poder ser autônomo e ser livre poder atuar . Inês

[...] o CUCA é um mar de oportunidades e, tipo assim, eu comecei como aluno e hoje graças a Deus, eu não sou um professor aqui do CUCA, mas eu substituo o meu professor. Eu sou um dos preta dele. Eu sou eu sou formado aqui no CUCA. João

Por fim, destaca-se um registro do diário de campo da pesquisadora acerca da promoção da saúde e participação social juvenil

Fecho essa rodada de entrevistas com a certeza de que a promoção da saúde é possível ser realizada para além do literal. Nesse período, vi a promoção da saúde ocorrendo em um serviço que não está ligado à secretaria de saúde e sua função principal não é essa. É interessante perceber o quanto o conceito de saúde ampliada nos guia para uma sociedade mais justa e igualitária com oportunidade para todos, principalmente, as juventudes. A efetividade das políticas públicas para as juventudes garante a participação social dos mesmos, promovendo saúde em sua perspectiva mais ampliada. (Diário de Campo)

As entrevistas possibilitaram a concretização entre a promoção da saúde e a participação social juvenil. Como descrito no diário de campo, foi possível perceber, na imersão das entrevistas, o quanto que a participação social é base para a promoção da saúde. Muitos dos jovens ainda exaltam como promoção da saúde o controle de doenças e a prevenção de agravos, como falado anteriormente, porém, a participação social juvenil no espaço do CUCA demonstra o quanto esses jovens estão promovendo saúde, a partir de ações, organizações, atitudes e responsabilidades.

A promoção da saúde se faz no cotidiano, quando os jovens reinventam existências e demarcam espaços por onde transitam. Estar no CUCA é afirmar que esse espaço é um lugar de afirmação e cuidado. É onde as juventudes se encontram, dialogam e criam. As falas nas entrevistas reafirmam o compromisso social desse equipamento com as juventudes e o quanto que estas promovem saúde em cada movimento nesse centro de cultura e arte.

4.3 Investimento nas Políticas Públicas de Juventude

A prevenção de violência foi uma temática que teve destaque nas entrevistas. A maioria dos jovens entrevistados afirmou que o CUCA é um espaço de prevenção de violência, como explicitado nas falas seguintes.

Eu acho massa, sabe? Como eu cresci em comunidade. Uma boa parte do pessoal da minha infância eu vi assim se desvirtuando para um lado, né? Que a gente sabe que não é muito bom. E aí quando eu vejo assim um conhecido meu pelo CUCA, fazendo uma arte, fazendo algum esporte é...eu vejo que é um tipo de refúgio, sabe? Você entra assim no meio da arte para não entrar naquele outro meio, sabe? Aí eu acho massa, acho interessante. [...] Eu acho massa. Assim eu não tenho um ponto tão próximo né? Mas o que eu vejo às vezes, o que eu vejo não pode ser tudo. Mas, eu acho assim que a arte desvirtua desse caminho e tal. Gemma

Eu acho. Eu acho isso porque, pelo que eu conheço algumas pessoas aqui, elas já foram tipo: ex-presidiárias, elas já foram usuárias de drogas, elas usam o esporte justamente para lutar contra isso. Isso, contra [...] tipo a violência também, como se fosse um jeito de superação, às vezes, só defesa pessoal, para se proteger mesmo, para que a pessoa vem chegar para dar em cima de você, aqui você [...] as habilidades que a gente aprende aqui você pode usar. Clara

Sim, sim porque eu moro em periferia. Em favela, a gente vê muita violência, a violência é muito comum para gente. E chega aqui, a gente vê os jovens, os meninos assim que a gente acaba acolhendo [...] preferindo estar aqui fazendo esporte, passando o dia todinho aqui do que estar na rua, fazendo sabe-se lá Deus o que, é satisfatório demais e essas atividades que o CUCA promove também para...para evitar a violência, para não só a parte da violência, mas também a parte da conscientização, assim para as jovens, para as meninas, para evitar gravidez, evitarem doenças, essas coisas assim e eu acho isso muito massa, mudou muito, porque é uma coisa que a gente que mora, assim, em bairro mais periférico, a gente não tem tanto acesso. Por mais que esteja em posto, esteja em escola, mas não é tão é...não é batido tanto na tecla quanto é batido aqui por causa do DPDH o pessoal e tal da coordenação. Joana

Dentro desse escopo da prevenção de violência, o CUCA atua com a estratégia de redução de danos. Falar de redução de danos é trazer para esse equipamento um lugar significativo na vida desses jovens, já que há vivência diária com o contexto de violência.

Como Gemma e Clara destacaram, é nesse momento que os jovens estão no CUCA que eles podem vivenciar outra realidade e, assim, projetar novas perspectivas de futuro. Dessa maneira, o esporte, a arte, a cultura, o reggae, a dança funcionam como estratégia de redução dos riscos causados pela situação de vulnerabilidade social a qual esses jovens se encontram.

Como destacado anteriormente, o CUCA oferta novas oportunidades que possibilita que os jovens projetem vidas, como afirmou João: “Muitos jovens se perdendo, e o CUCA é um mar de oportunidades”.

Dentre as oportunidade oferecidas pela rede CUCA, esta trabalha em parceria com o SENAC, na realização de cursos profissionalizantes, bem como orientando os jovens para busca de novas oportunidades, como representado nas imagens que seguem.



Figura 5 – Página do Instagram - Cursos Profissionalizantes

Fonte: Instagram - @redecucaoficial (2023).

Além disso, os jovens podem ser monitores para desempenhar atividades nos cursos do CUCA, auxiliando os professores. Vanessa destacou essa função na fala:

O nosso trabalho aqui no CUCA de monitora, enquanto monitoria é auxiliar as pessoas que estão dentro do equipamento. Os reais profissionais que estão dentro do equipamento. Não estou desmerecendo a mim e a outras pessoas porque nós também somos profissionais, mas só profissionais contratados vamos dizer assim do CUCA, da Rede CUCA. E, aí, a gente ajuda a causa social, a enfermeira, a psicóloga, a assistente social, o pessoal da biblioteca, enfim, a gente está empenhado em realizar esse papel. E, aí, o nosso impacto enquanto monitora, nossa eu estou usando muito palavra impacto. Mas, é o que o que a gente desperta nas outras pessoas enquanto monitora, o que eu vejo muito é o anseio. Principalmente de outros jovens. Outros jovens vendo que por exemplo a Vanessa, ela conseguiu acessar o espaço enquanto monitora, então, eu também posso

acessar esse espaço enquanto monitor porque esse espaço é um direito nosso, é um direito reservado para nós jovens. Eu não estou aqui sendo contratada pelo CUCA, eu estou aqui ocupando um espaço que eu tenho por direito. É diferente, não sei se você consegue entender porque uma coisa é o CUCA te contratar. Outra coisa é eu ocupar um espaço que o CUCA tem de obrigação reservada para mim, entendeu? E, aí, despertar isso nos jovens esse interesse dos jovens ocupar espaços que são deles e feito para eles é muito bom para mim eu me sinto honrosa por exemplo a gente tem ali um jovem que a gente estava contando sobre o fato da gente ter que ocupar esses espaços. E aí ele disse assim: ah então eu posso fazer. Então, vamos fazer aqui. Vamos fazer a atividade tal porque tal hora porque enfim seria importante teria relevância para ele no próximo edital, entendeu? E aí despertar esse desejo esse anseio no jovem tal hora é muito bom porque, aí, o jovem que tal hora não tinha um desejo de fazer algo ou que não tinha algum um caminho vamos dizer assim ele acaba se descobrindo e tendo a vontade de participar daquilo também, entendeu? De ocupar aquele espaço e aí seria outro jovem ocupando espaço enquanto monitor ou monitora de direitos humanos dentro do meu campo. Vanessa

As falas de Gemma e João apontaram para a interferência do contexto social no comportamento dos jovens. Muitos dos jovens, que frequentam o CUCA, estão envolvidos no contexto de violência, por vivenciarem dentro de casas, a saber:

Acho. Acho, principalmente, com os que não têm assim os pais mais presentes e tal. Não se importam muito. Ou, então, os pais que já são envolvidos com drogas, com tráfico, com eu vejo meio que os filhos se espelham neles. Assim, vendo na minha vivência por onde eu morava. Gemma

[...] Se a gente tivesse um governante melhor que focasse na juventude, eu acho que a gente teria muitos campeões. Está entendendo? Porque tipo assim tem muito pivete. Dezesseis. Pivete mesmo. Dez anos, quatorze anos, está entendendo? Que poderia muito bem vir para cá e se tornar um atleta de ponta. Mas, não quer porque a vida é difícil, eles preferem estar vendendo droga para ter o dinheiro deles. Porque tipo assim é isso [...] é o que eles veem é a realidade deles. Está entendendo? Tipo assim, passar na esquina ver um elemento de arma. Ver o próprio pai, não é todos, mas tipo assim, tem pai que vende, tem pai que é do crime. E, tipo assim, eles veem aquilo dali como a realidade deles. Oh, mãe, esse é meu futuro. Se meu pai está fazendo, o meu futuro é fazer também. Está entendendo? João

Estar em um ambiente em que a violência é o *modus operandi* fragiliza o acesso eficiente às políticas públicas pela juventude, o que possibilitaria desvio em uma trajetória que está marcada para morrer.

Dessa maneira, o CUCA funciona como equipamento que centraliza, em um único lugar, algumas oportunidades de desvio de caminhos da juventude que já nasce com os direitos violados. Os jovens entrevistados afirmaram que o CUCA é um espaço de oportunidades, por possibilitar mudança na realidade daqueles que frequentam esse equipamento.

É. Eu acho que o equipamento aqui do Cuca, ele ajuda muito, não só o esporte, eu falo tipo: empregabilidade, aqui tem vários cursos. Às vezes, tem feirão, tipo, para entregar currículo, às vezes tem esporte, tem gente que viaja. Não é à toa que agora a pouco, acho que foi semana passada um dos atletas aqui, eles foram para o Panamericano e ganharam umas três medalhas: duas de prata e uma de bronze. E, tipo, eu vejo como o esporte transforma a vida das pessoas, assim como transformou a minha. Clara

Eu sempre dancei. Mas, foi quando eu iniciei as atividades no CUCA que eu voltei mais meu olhar a me profissionalizar na área, sabe? Eu não comecei no grupo Sennomi que é o grupo de k-pop que eu faço parte. Eu comecei nos grupos de dança do CUCA. Dançar sempre foi um interesse meu, mas eu não sabia que tinha como me profissionalizar disso. Por meio dos cursos, por meio de conversas com os professores do CUCA, eu fui entendendo que dava sim para me profissionalizar nisso e, aí, eu quis seguir o caminho. Gemma

Apesar disso para mim, o CUCA ele é um instituto extremamente importante que ele mudou minha visão de mundo, de sociedade, de tudo. Ele me fez crescer bastante, ele me abriu oportunidades de conhecer espaços, pessoas, lugares, informações que eu não tinha. Eu acho que agregou muito no meu crescimento. Acredito que ele agrega também no crescimento de várias outras pessoas e dá oportunidade de muitas pessoas realizarem atividades físicas. Se o CUCA não existisse, talvez essas pessoas não pudessem realizar essas atividades porque com certeza ele faz com que muitas pessoas que estão em situação de vulnerabilidade possam praticar um esporte gratuito, competir em olimpíadas e ter treinos para taekwondo, natação, todo tipo de esporte que essas pessoas queiram crescer, elas têm essa oportunidade gratuitamente. Para mim, é um espaço super importante, não só pela minha experiência, mas que é importante para as comunidades onde estão inseridos, para cidade. Então, basicamente, ele é fundamental assim para mim é para a sociedade mesmo, para Fortaleza. Inês

Particpei de campeonatos, viajei pelo CUCA e tipo assim aqui é um mar de oportunidade porque assim se você estiver disposto a deixar tipo tudo que te leva para baixo e começar a querer crescer aqui no CUCA, você consegue porque tipo assim, dá muita oportunidade mesmo muita muita muita. O pessoal do vôlei, o pessoal do vôlei viaja direto, o pessoal do triathlon, o pessoal do cross, o pessoal da natação. Tipo assim, então quem se esforça e quem quer mesmo que seja difícil, doloroso, porque tipo assim, vida de atleta não é fácil [...] Porque tipo assim, o CUCA foi mais ou menos feito para isso. Você pega a galera da periferia, traz para cá para ter um futuro melhor. João

Para o CUCA manter o funcionamento que traz novas experiências para a juventude periférica, é preciso investimento e manutenção do equipamento, como expressa Vanessa na fala:

O CUCA ele é um equipamento não vou dizer completo, mas que atende algumas necessidades da comunidade. Tem biblioteca, tem saúde, tem esporte, tem dança, tem cultura e quando eu falo de cultura estou falando de cinema, eu estou falando de teatro, eu estou falando de fotografia, eu estou falando de todos esses nichos que o CUCA acaba também

proporcionando para a comunidade, sabe? E isso é muito importante. Porque muitos jovens hoje não têm acesso a isso e o que é muito triste. Porque o acesso a esse equipamento também acaba sendo muito limitado. Porque de área X para área B o jovem não pode passar. Então tal hora o CUCA, ele também tem um acesso limitado de pessoas porque pessoas da área X não podem ir para o CUCA. Porque aí já a área B já não se bate com a área X e aí...entende? Tem todo um problema. É muito bom. O CUCA ele é muito bom porque ele é um equipamento que tem essa acessibilidade para os jovens. Mas, é complicado. É muito complicado. Também tem um lance de investimentos. Porque seria muita hipocrisia minha lhe falar de todos os benefícios do CUCA e também não apontar os seus malefícios. Como o nosso teatro que está quebrado. Tem o teatro, ele funcionou por muito tempo, mas hoje ele está em desuso. Porque ele está interdito. Assim como tem a nossa arte cênica que não tem acústica nenhuma. Então, se você tiver algo para ensaiar que precise de um som para você se concentrar de uma forma melhor, a arte cênica não vai... a arte cênica do CUCA Barra não vai ser esse espaço. Enquanto as outras artes cênicas dos outros espaços também é cada equipamento tem seus benefícios e seus malefícios enquanto o CUCA Barra ele tem uma arte cênica muito grande, tem outros CUCA que a arte cênica é um pouco menor, mas em compensação tem uma acústica, tem ar condicionado. Nossa arte cênica a gente luta por ventiladores há muitos anos e até hoje a gente não conseguiu colocar ventilador dentro da arte cênica. A gente tem um campo de areia que também está em desuso por falta de manutenção. Tinha matos no campo de areia tiraram porque os jovens ocuparam o campo de areia, as crianças ocuparam o campo de areia brincando de carimba com mato mesmo e depois pediram para a manutenção do CUCA ir limpar o campo de areia que só deu para tirar os matos porque revitalizar o campo de areia seria muito custo benefício. A gente entende né? Tal hora eu consigo entender que o CUCA são cinco equipamentos e que precisam de demandas para esses cinco equipamentos, mas tal hora tem espaços que necessitam de uma maior atenção. E aí o CUCA tem suas peculiaridades e cada CUCA vai ter seus benefícios, assim como vai ter seus malefícios. Malefícios não de fazer mal às pessoas, mas de deixar a desejar, entendeu? Que por exemplo o teatro do CUCA Jangurussu ele ficou muitos anos por desuso, muitos anos. O CUCA Jangurussu está aí há um tempão e por muitos anos o CUCA Jangurussu não teve acesso, o CUCA Jangurussu não, o teatro do CUCA Jangurussu não teve acesso. Na verdade eu nem sei se está tendo acesso agora, mas eu acho que está, entendeu? Então o CUCA lógico o CUCA tem seus benefícios e que tal hora é de uma importância/relevância muito grande para dentro da comunidade. Mas tal hora o CUCA tem também esses seus pequenos impasses que deixam um pouco a desejar e que tal hora beneficiaria ainda mais a comunidade se estivesse em normal uso. Ah! Outra coisa muito importante que eu não posso deixar de falar é os stands de mídias digitais, eu não sei se é isso, mas se você for em cada equipamento vai ter uns containers que eram de coisas digitais que tinham computadores dentro daquele espaço e que foram parados de usar. E que estão em desuso até hoje. Entende que são investimentos que eram para a comunidade estar usando e que tal hora a comunidade não tem o livre uso desse equipamento ou o bom uso desse equipamento porque simplesmente esse equipamento está em desuso. O que é muito foda. Mas, é isso. Vanessa

Na fala, Vanessa explicita a necessidade para além de construir e criar os CUCA, é importante manter esses espaços estruturalmente também. O CUCA exerce a função de redução de vulnerabilidades, de promoção da saúde, de

prevenção de violências, desde que haja essa manutenção do espaço físico e dos demais recursos necessários para o amplo funcionamento.

Além dessa manutenção estrutural, alguns jovens destacam a importância de outros CUCA serem construídos na cidade, como forma de garantir o acesso dos jovens de vários bairros a esse equipamento que sustenta as políticas públicas de juventude no município de Fortaleza.

Tipo assim, deveria ter mais CUCA. Eu acho que todo bairro deveria ter um, não só um no Pici, outro na Barra, outro no Jangurussu, acho que todos os bairros deveriam ter um CUCA. Porque tipo assim, o pessoal que tipo um bairro que não tem, deixa eu ver aqui um [...] Aldeota. Certo que é um bairro nobre, mas lá também tem crime. Entendeu? Lá também tem alguma coisa. Deveria ser bom, todo canto, todo canto ter um CUCA porque tipo assim como eu falei aqui é um mar de oportunidades e tipo assim se o governo focasse mais nos jovens e deixasse de focar mais neles acho que não só em Fortaleza eu acho que todo o Brasil o mundo vamos dizer assim seria melhor.” - João

Sim, até porque o CUCA é uma das únicas poucas instituições assim que promove esporte, cursos, eventos de graça no Brasil. Porque a gente vê que em outros estados a gente tem é [...] algumas como é que eu posso dizer? Alguns projetos, né, pequenos e às vezes eles nem se sustentam por conta que não tem ajuda do governo, não tem financiamento. Enfim, várias questões. Então, o CUCA é um equipamento assim que é surreal. É surreal o que tem aqui porque é totalmente gratuito, eles não cobram nada e aqui você tem tudo. Você tem acesso a um esporte, a curso, um curso profissionalizante que o SENAC, ele promove também, eventos que acontecem aqui e essas...essas palestras, essas ações contra combate à violência, violência contra a mulher, combate a homofobia, machismo, racismo essas questões sociais né, que tem que ser discutidas principalmente com os jovens porque é a próxima geração que vai vir. Então, eu acho esse equipamento aqui surreal, eu sou apaixonada pelo CUCA. Joana

Acho importante. Acho que faz diferença sim. Eu já ouvi gente falando assim: não seria bom frequentar CUCA porque é perto da periferia. Sendo que é perto de periferia justamente para chamar esses jovens da periferia para dentro. Para investir na cultura, para estudar e tal. Então, eu acho muito importante por causa disso. Gemma

O fortalecimento das políticas públicas de juventude deve ser pauta principal das gestões municipais. Percebe-se que a importância dada a esse aspecto nas gestões públicas depende dos princípios que guiam cada gestão que assume o governo. Isso fragiliza as políticas públicas, pois quando se trata de juventude, não é prioridade para maioria das gestões.

4.2 Discussão

Ao considerar, nesta dissertação, a juventude como construção social, é importante destacar de qual juventude a referida pesquisa se refere. É uma juventude periférica da região metropolitana de Fortaleza, que frequenta as atividades do CUCA Barra.

Os CUCA foram criados no município de Fortaleza, com intuito de reduzir os índices de violência juvenil na capital e estimular a inclusão artística de adolescentes que não possuíam equipamento público que garantisse o direito ao acesso às políticas públicas da juventude (ANDRADE; REMÍGIO, 2017).

Dessa maneira, os jovens participantes da pesquisa tinham entre 15 e 23 anos e residiam em bairros de alto índice de vulnerabilidade social, os quais, o CUCA Barra abrange essa população. Como dito nas entrevistas, o CUCA é um espaço de oportunidade para essa juventude que está marginalizada e pouco evidenciada nas políticas públicas.

Esse equipamento promove as potencialidades juvenis e fomentam o desenvolvimento socioeconômico do público-alvo, baseados em princípios democráticos e solidários.

A partir das três categorias construídas, citadas no tópico anterior, estas são discutidas a seguir, à luz do referencial teórico escolhido.

A promoção da saúde é um conceito da saúde que possibilita interlocução entre a saúde e as demais políticas públicas. A PS propõe estratégias para promover qualidade de vida e reduzir vulnerabilidades e riscos à saúde. É importante ressaltar que as práticas de promoção da saúde devem considerar os aspectos sociais, comunitários e políticos como determinantes das respostas efetivas em saúde.

Nas entrevistas, os jovens fizeram relação da promoção da saúde com a prevenção de agravos e a saúde física, corroborando Gordon, Nelson, Popkin (2004), que afirmam que a prática adequada de atividade física na juventude traz benefícios para a saúde física e mental. Isso pode influenciar diretamente a saúde, durante a juventude, e também ter efeitos positivos na aptidão física na idade adulta.

Apesar da maioria das doenças associadas à falta de atividade física, como obesidade, osteoporose, afecções osteomusculares, hipertensão, infarto do

miocárdio, entre outras, geralmente se manifestarem na vida adulta, está cada vez mais evidente que o desenvolvimento delas tem início na juventude. Praticar exercícios físicos regularmente ajuda a promover a saúde e melhora a qualidade de vida de jovens, sendo essencial para manter esse hábito na idade adulta (MARINHO; RIBEIRO, 2019). Portanto, deve ser prioridade em saúde pública estimular a prática de atividade física desde a juventude.

Em estudo que comparou a qualidade de vida entre jovens praticantes e não praticantes de esportes e teve como amostra 374 adolescentes, 198 meninos e 176 meninas, sendo as faixas etárias $16,35 \pm 0,65$ anos e $16,19 \pm 0,67$ anos, respectivamente, constatou-se que os resultados da comparação das dimensões de qualidade de vida, de acordo com a percepção dos próprios jovens, mostraram que a prática esportiva é importante fator para melhores percepções de qualidade de vida e, conseqüentemente, melhor percepção de bem-estar (PACÍFICO *et al.*, 2020).

Outro ponto importante trazido nas falas dos jovens e no diário de campo da pesquisadora em relação à prevenção dos agravos se destacou o programa CUCA Saudável, liderado por profissionais da enfermagem, o qual realiza atendimento ambulatorial, medição de pressão arterial, testagens gratuitas para HIV, sífilis e hepatites e distribuição de preservativos (REDE CUCA, 2023). Além disso, organiza rodas de conversa com temas variados, sempre fazendo relação da temática juventude e saúde.

No que concerne à saúde mental, os jovens do CUCA vivenciam fator influenciador para a saúde mental que é a vulnerabilidade social que está intrinsecamente relacionada ao conceito ampliado de saúde preconizado pelo SUS, pois reconhece que ambos se manifestam de maneira distinta em cada território e para cada pessoa ou família (TONIN; BARBOSA, 2017).

De acordo com Piosiadlo, Fonseca, Gessner (2014, p. 729)

A vulnerabilidade social é um indicador da iniquidade e da desigualdade social que supera o caráter individualizante e probabilístico do conceito de risco, aponta para um conjunto de aspectos coletivos e contextuais, que levam à suscetibilidade a doenças ou agravos considerando também aspectos que dizem respeito à disponibilidade ou à carência de recursos destinados à proteção das pessoas.

Assim, compreende-se que a vida das pessoas é norteadada por diversos aspectos, como questões culturais, familiares, políticas, direitos e deveres,

oportunidades, trabalho, diferentes necessidades de autocuidado e lazer, entre outros.

Na vivência dos jovens advindos de periferias, espaços sociais em que direitos e deveres cidadãos se entrelaçam e são, muitas vezes, negados por uma sociedade marcada pelo crime, pela violência e pela desigualdade social que os mantém à margem dos jovens de classe social elevada, é inegável que manter um estado de saúde mental saudável se torna ainda mais difícil. Desta forma, o CUCA realiza o papel de, para além de acolher essa população, inserir no cotidiano desta a arte, a cultura e o esporte que são excelentes e eficazes promotoras de saúde mental (AMORIN; SEVERO, 2019).

A pandemia foi uma época em que os jovens foram afetados por conta de toda a dinâmica social que ficou estabelecida. Hoje, vive-se o reflexo do isolamento social. Salienta-se que a juventude periférica foi mais afetada por todo o atravessamento social na pandemia.

Segundo Xavier (2020), passar por momentos difíceis e situações impactantes, que nos assustam, alteram nossa rotina e causam perdas e sensação de insegurança, podem afetar a nossa saúde mental. A forma de expressar nossas dores, medos e inseguranças pode ser muito ampla.

Nas entrevistas, os jovens destacaram a importância do acolhimento do CUCA pós-abertura e retorno ao convívio social, pois muitos passaram por dificuldades relacionais. Desta maneira, a juventude conseguiu construir uma rede de apoio para se sustentar nesse momento, um cuidando do outro.

Essa rede de conexões entre os jovens facilita o processo de participação social juvenil, pois, a partir das vivências, os jovens vão se espelhando uns nos outros e encontrando os pares como maneira de ocupar os espaços. Guimarães e Lima (2011, p. 862) afirmam que

A participação social juvenil é parte de um processo de socialização consciente e propositiva que atua como um lócus de aprendizagem de valores e práticas democráticas, que expressam a superação de uma cultura cívica autoritária e centralizadora.

A participação social implica construção de ações que incluam diferentes formas de existência, respeitando vivências e percursos variados. Bhogossian e Minayo (2009) afirmam que há distanciamento dos jovens nas formas organicistas e tradicionais de fazer política.

As formações dos coletivos com temáticas de interesse específico estão constituindo a cena da participação social juvenil na política. Percebe-se que as formas de organização não estão necessariamente nos partidos políticos ou sindicatos. A juventude, enquanto organização, escolhe os pares para poder participar ativamente de questões sociais de interesse. Muitas vezes, os jovens fazem movimentos individuais e em espaços instituintes, como maneira de ser e estar no mundo, frente às lutas que querem enfrentar. Ressalta-se que as manifestações no mundo virtual também se caracterizam como forma de participação social.

Santana *et al.* (2021) afirmam que essa nova maneira de organização dos jovens é considerada “falta de interesse”, quando se trata de política. Porém, ao analisar e comparar as estruturas administrativas e iniciativas, os jovens não se sentem representados pelas realizações do poder público. Afinal, as políticas acolhem as necessidades que as diversas gestões deduzem que os jovens apresentam, mas não necessariamente as verdadeiras carências.

O CUCA é um equipamento que está na contracorrente das políticas públicas de juventude, pois facilitam os processos de participação social juvenil, a partir de uma lógica de diálogo e construção com esses atores. Como afirma Carrano (2012), “os jovens precisam de espaços e tempos não apenas para receber projetos pré-concebidos por lógicas adultas; eles e elas querem dizer o que precisam e sinalizar para o que podem fazer individual e coletivamente”.

A participação social é um princípio da promoção da saúde que ressalta a importância das conexões entre a juventude para mover a contramola que resiste. A juventude vem se organizando das mais diversas maneiras e, assim, apresenta força e intervém nas estruturas enrijecidas, como forma de se colocar no mundo e transformar a realidade.

Os jovens que frequentam o CUCA apresentaram nas falas essa (re)existência que tem como objetivo promover saúde e prevenir a violência.

Segundo o Relatório Mundial sobre Violência e Saúde da OMS, a violência é a segunda principal causa de morte entre jovens de 15 a 29 anos, em todo o mundo. Em decorrência das condições socioeconômicas em que vivem, esses jovens, assim como as famílias, muitas vezes, encontram-se em situação de risco e desamparo social, estando mais expostos ao uso de drogas ilícitas, à imersão nos cenários de violência e tráfico.

O Comitê Cearense pela Prevenção de Homicídios na Adolescência foi instituído em 2015, a partir dos dados alarmantes de homicídios no Ceará e Fortaleza que os levou a ocupar os primeiros lugares no Brasil, com maior Índice de Homicídios na Adolescência (IHA).

Em 2016, foi iniciada a pesquisa Cada Vida Importa, realizada pelo Comitê Cearense pela Prevenção de Homicídios na Adolescência que teve como objetivo investigar em profundidade o problema da violência letal em sete municípios do Ceará, distanciando-se do senso comum que estigmatiza essas pessoas, propondo, ao final da pesquisa, recomendações aos diversos níveis do poder e à sociedade para evitar essas mortes (COMITÊ CEARENSE PELA PREVENÇÃO DE HOMICÍDIOS NA ADOLESCÊNCIA, 2016).

O relatório final contou com 12 recomendações de prevenção de violência na adolescência e juventude, a partir da compreensão sobre o indivíduo, a família, a comunidade onde vive ou viveu e as instituições que estão ou estavam ao redor dele.

A pesquisa do Comitê Cearense pela Prevenção de Homicídios na Adolescência, realizada em sete cidades do Ceará com as maiores taxas de assassinatos nessa faixa etária, não representa a realidade de todos os 184 municípios do Estado. As respostas sobre os casos pesquisados foram analisadas distintamente por cada uma das sete cidades. Mesmo não apresentando um perfil médio sobre a violência letal intencional entre adolescentes no Ceará, a pesquisa consiste em estudo sócio antropológico cuja metodologia pode ser aplicada na tentativa de compreensão do fenômeno e busca de soluções para o problema nos outros municípios do Estado (Comitê Cearense pela Prevenção de Homicídios na Adolescência, 2016).

Assim, destacam-se algumas recomendações que se conectam com a proposta do CUCA, direta ou indiretamente, enquanto política pública de juventude. A recomendação 2 intitulada: Ampliação da rede de programas e projetos sociais a adolescente vulnerável ao homicídio, afirma que a carência de infraestrutura comunitária e a ausência de programas e projetos, com objetivo de prevenir e reduzir homicídios, podem agravar a violência nessas áreas. É necessário que se desenvolvam ações de prevenção, por meio de programas e projetos, que foquem na rede de amigos e familiares dos adolescentes que foram assassinados (Comitê Cearense pela Prevenção de Homicídios na Adolescência, 2016). A Rede CUCA, por estar localizada em bairros periféricos de Fortaleza, auxilia nessa recomendação, pois trabalha com projetos e programas que têm como objetivo prevenir e reduzir a violência.

A recomendação 4 consiste na busca ativa para inclusão de adolescentes no sistema escolar. Essa recomendação é direcionada para as secretarias de educação, porém o CUCA exerce papel importante nela, pois o equipamento não realiza busca ativa, mas oferece atividades que recebem jovens no contraturno escolar para participar das atividades que desejam a partir da oferta do equipamento. As jovens Teresa e Joana relataram nas entrevistas que iniciaram a participação no CUCA no contraturno escolar e, após o término desse projeto, permaneceram frequentando o equipamento e realizando as atividades que despertaram maior interesse nelas.

Além disso, essa recomendação orienta que as escolas abram aos finais de semana para realização de atividades artísticas, culturais, de esporte e lazer, nos territórios mais vulneráveis aos homicídios (Comitê Cearense pela Prevenção de Homicídios na Adolescência, 2016). O CUCA funciona a partir de terça-feira, com atividades durante o dia e à noite, como também aos finais de semana, ofertando as atividades citadas. Essa é uma maneira de integração entre equipamento-comunidade que proporciona outras vivências para a população.

A recomendação 5 - Prevenção à experimentação precoce de drogas e apoio às famílias - orienta que a Secretaria Especial de Políticas Sobre Drogas estimule o financiamento de serviços comunitários que adotem metodologias pautadas na abordagem da Redução de Danos (RD). O CUCA trabalha com a abordagem da redução de danos nos eventos culturais que ocorrem no equipamento, por meio de uma equipe que orienta os jovens sobre formas de cuidado e redução de danos, no que concerne ao uso de drogas.

A recomendação 8 é intitulada Oportunidades de trabalho com renda, sugere que a Secretaria do Trabalho e Desenvolvimento Social, a Coordenadoria de Juventude e as Secretarias de Educação do Estado e dos municípios promovam o direito à profissionalização, a partir da integração entre educação básica e educação profissionalizante, a partir dos 14 anos de idade, com estrita observância à Lei do Aprendiz, respeitadas as demandas e necessidades dos adolescentes (COMITÊ CEARENSE PELA PREVENÇÃO DE HOMICÍDIOS NA ADOLESCÊNCIA, 2016).

De acordo com Anjos (2015), os CUCA vêm se configurando como pontos de busca por formação, de potenciais encontros de habilidades e vontades pulsantes da juventude. Mesmo com essas características, entende-se que ainda existem muitos desafios no funcionamento desses equipamentos, como diálogo com

as comunidades do entorno e o fortalecimento das políticas públicas de juventude pelas gestões.

Porém, é um equipamento que fortalece o território e as juventudes que ali estão. A consolidação desse espaço demonstra a importância das políticas públicas da juventude serem permanentes em todas as gestões. Política pública não é projeto de gestão, é um direito a ser garantido e efetivado por todas as gestões.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente dissertação teve como objetivo geral analisar a participação social juvenil no Centro Urbano de Cultura, Arte, Ciência e Esporte (CUCA) e a interface deste com a promoção da saúde.

Ao analisar as histórias de vida dos jovens entrevistados, percebeu-se que eles foram motivados em vários sentidos a participarem do CUCA. Fosse pelo contraturno escolar, por convite de outros jovens para realizar uma prática esportiva ou ainda para participar de eventos no CUCA. As motivações para entrar no CUCA foram diversas, mas houve um ponto convergente que foi em relação ao afeto que nutriam em relação àquele espaço, após o primeiro contato.

No CUCA, muitos jovens encontram uma rede de apoio para compartilharem histórias. Em alguns casos, os jovens não têm esse suporte em casa com a família e recorre a outros espaços para manter as relações afetivas. Isso faz com que os jovens que ali estão, formem uma rede de apoio e cuidado. Salienta-se que um jovem se torna espelho para o outro. Isso denota que muitos jovens nutrem a esperança de ter oportunidades de mudança, quando veem outros amigos e/ou colegas desenvolvendo atividades no CUCA.

Isso ocorre pelo fato de que os CUCA estão localizados em bairros periféricos e muitos dos jovens que frequentam o equipamento não têm perspectiva de um futuro diferente do que o mercado informal de trabalho ou a realização de atividades ilícitas. Esse equipamento da política pública de juventude é a oportunidade que os jovens periféricos têm de acesso aos direitos que são negados.

No CUCA, os discursos dos entrevistados estiveram carregados de sonhos, os quais não eram possíveis, porém o acesso às políticas públicas de juventude possibilita que os jovens sonhem novamente com a profissionalização, as viagens esportivas representando o instituto CUCA, o acesso à universidade, entre outros.

Promover saúde em uma instituição que não está na secretaria de saúde é possível? Sim, é possível. A promoção da saúde para muitos jovens do CUCA é o cuidado com a saúde física e mental, principalmente, a física. Existem dois pontos importantes nessa compreensão. O primeiro é que os jovens conseguem perceber que para ter saúde física, é preciso ter a saúde mental também, ou seja, essas duas

não são opostas e sim complementares. Essa conexão entre saúde física e saúde mental feita pelos entrevistados afirma a compreensão deles sobre essa temática.

O outro ponto é a afirmação de que promoção da saúde somente é efetiva sendo intersetorial. O conceito ampliado de saúde carrega os atravessamentos da determinação social em saúde que traz perspectiva de que para ter saúde, é necessário ter os demais direitos garantidos. Promover saúde em uma política pública de juventude é tentar, minimamente, garantir que esses direitos sejam acessados. A juventude quer comida, educação, cultura, arte, transporte e política.

A participação social ocorre no CUCA pela inserção dos jovens nos grupos e nas atividades. São participações ativas que organizam as demandas de determinado público. Algo já discutido anteriormente é que a juventude está se organizando politicamente de uma nova maneira. Não necessariamente estão se associando a partidos políticos e afins, mas estão fazendo os movimentos políticos livremente, a partir das pautas que têm maior interesse.

Além disso, a participação social juvenil ocorre também em diálogo com a comunidade. No projeto CUCA, na comunidade, os jovens dialogam periodicamente com a comunidade, no entorno do CUCA, para definir como ela poderá usar o equipamento.

A prevenção da violência enquanto promoção da saúde não foi um aspecto que ficou claro para os jovens. Apesar de todos afirmarem que o CUCA é um equipamento que previne a violência, não foi relacionado diretamente com a promoção da saúde.

Entender a prevenção de violência como promoção de saúde é perceber que os jovens, ocupando o espaço do CUCA e acessando minimamente os direitos, vislumbrarão outras formas de viver. A vivência cotidiana com cenários de violência possibilita a compreensão de ser a única maneira possível de se relacionar com outras pessoas. Esses momentos de vivência no CUCA funcionam como redução de danos, pois não há como evitar completamente que o jovem entre em contato com a violência e sofra ou cometa uma, mas, naquele momento em que estiver no CUCA, as vivências serão outras, a redução de danos se dará porque entrará por menos tempo em contato com a violência.

Nessa perspectiva, é importante lembrar de que o investimento nas políticas públicas da juventude é uma maneira de prevenção à violência porque o

jovem que tem os direitos violados desde o nascimento, não acredita que haverá uma oportunidade para ele. Com o investimento nas políticas públicas da juventude, esses caminhos serão desviados e novas possibilidades de vida serão apresentadas para essa juventude.

No que concerne ao investimento nas políticas públicas de juventude, seria interessante a implantação de outros CUCA no município, com intuito de continuar garantido o direito de acesso dos jovens às políticas públicas dos mais diversos bairros, já que hoje se tem a dificuldade de circulação pelos territórios. Com a implantação de novos serviços, haverá ampliação no acesso dos jovens e, conseqüentemente, redução nos índices de violência.

Fator necessário no investimento das políticas públicas de juventude é que sejam políticas permanentes e que não haja investimento apenas quando a gestão que assumir tiver interesse e compreensão de que se faz necessário olhar para a juventude nesse país. Atualmente, vivencia-se o investimento nas políticas públicas de acordo com o interesse da gestão que está atuando, o que fragiliza as políticas públicas e gera descrença por parte da população.

Um grande desafio na realização da pesquisa foi a compreensão de que promoção da saúde se faz de maneira intersetorial e pode e deve ser feita em outros espaços que não somente os serviços vinculados à Secretaria de Saúde. Houve, inicialmente, dificuldade de entendimento do porquê realizar uma pesquisa da área da saúde no CUCA, sendo que não estava restrito às atividades do CUCA Saudável. Em seguida, a compreensão dos envolvidos na pesquisa que participação social juvenil é uma nuance da promoção da saúde. Por fim, trazer a perspectiva de uma saúde ampliada que se faz no dia a dia, na interlocução com outros setores e saberes. A saúde se faz no território, “a cabeça pensa onde os pés pisam.”

Pretende-se realizar a devolutiva da presente dissertação para os jovens que participaram da pesquisa, como também para os profissionais que auxiliaram na articulação da pesquisa no CUCA. A devolutiva é um momento importante para os atores da pesquisa perceberem as dimensões e potencialidades do equipamento pelo olhar de uma pessoa externa.

Para estudos futuros, talvez seja importante conhecer a percepção dos jovens acerca dos direitos e deveres, no que concerne às políticas públicas de juventude. Compreender o papel desses jovens no impulsionamento de implantação, implementação e eficiência dessas políticas.

REFERÊNCIAS

- AMORIM, A. K. M.A.; SEVERO, A. K.S. Saúde mental, cultura e arte: discutindo a reinserção social de usuários da rede de atenção psicossocial. **Rev Interinst. Psicol.**, Belo Horizonte, v. 12, n. 2, p. 282-299, 2019. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-82202019000200007&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 21 maio 2023.
- ANDRADE, L. O. M.; BARRETO, I. C. H. C.; BEZERRA, R.C. Atenção Primária à Saúde e Estratégia Saúde da Família. *In*: CAMPOS, G.W.S *et al.* (orgs.). **Tratado de Saúde Coletiva**. 2.ed. São Paulo: HUCITEC, 2012. p.783-836.
- ANDRADE, M.; REMÍGIO, R. F. C. Políticas Públicas e Escolha Racional: O Caso do Centro Urbano de Cultura, Arte, Ciência e Esporte de Fortaleza, Estado do Ceará. **Rev. Bras. Polít. Públicas (Online)**, Brasília, v. 7, n. 2, 2017 p. 248-264
- ANHAS, D. M.; CASTRO-SILVA, C. R. Potência de ação da juventude em uma comunidade periférica: enfrentamentos e desafios. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 23, n. 9, p. 2927-2936, 2018. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/csc/v23n9/1413-8123-csc-23-09-2927.pdf>. Acesso em: 5 jul. 2021.
- ANJOS, S. Juventudes e Cidadania: Rede Cuca e a campanha sobre os Direitos dos Jovens. *In*: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO. 38, Rio de Janeiro, 4 a 7 de set. 2015., Rio de Janeiro. **Anais...**, Rio de Janeiro: Intercom, 2015.
- ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DO ESTADO DO CEARÁ. Assembleia Legislativa do Estado do Ceará, UNICEF, Instituto OCA. **Cada vida importa**: relatório do segundo semestre de 2017 do Comitê Cearense pela Prevenção de Homicídios na Adolescência. Fortaleza, Ceará, 2018. Disponível em: <https://cadavidaimporta.com.br/wp-content/uploads/2023/05/cada-vida-importa-relatorio-final.pdf>. Acesso em: 31 maio 2023.
- ARAUJO, A.M.; MUÑOZ, N.M. A Promoção à Saúde na Experiência de Jovens Promotores da Saúde. **Psicol Estud.**, São Paulo, v. 25, p.e46795, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pe/a/fGk7ksNsZMrXsh4RSn58LxR/?lang=pt>. Acessado em: 05 jul. 2022.
- ASSIS, S. G.; AVANCI, J. Q.; DUARTE, C. S. Adolescência e saúde coletiva: entre o risco e o protagonismo juvenil. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 20, p. 3296-3296, 2015.
- BAHIA, C. A.; AVANCI, J. Q.; PINTO, L. W.; MINAYO, M. C. S. Notificações e internações por lesão autoprovocada em adolescentes no Brasil, 2007-2016. **Epidemiol Serv Saúde**, São Paulo, v. 29, n. 2, p.e2019060, 2020.

BAQUERO, F.G Jovens educadores: voluntariado e protagonismo. **Revista de Letras da Universidade Católica de Brasília**, v. 6, n. 1/2, ano VI, 2013. Disponível em: <https://portalrevistas.ucb.br/index.php/RL/article/view/5382>. Acesso em: 20 nov. 2021

BARBOSA-SILVA, L. H.; PEREIRA, A. I. S.; RIBEIRO, F. A. A. Reflexões sobre os conceitos de adolescência e juventude: uma revisão integrativa. **Revista Prática Docente**, Mato Grosso, v. 6, n. 1, p.e026, 2021.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Centro Gráfico, 1988.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção em Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. Área Técnica de Saúde do Adolescente e do Jovem. **Diretrizes nacionais para a atenção integral à saúde de adolescentes e jovens na promoção, proteção e recuperação da saúde**. Brasília: Ministério da Saúde, 2010. Disponível em: http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/diretrizes_nacionais_atencao_saude_adolescentes_jovens_promocao_saude.pdf. Acesso em: 5 jul. 2021.

BRASIL. **Lei 8142/90 de 28 de dezembro de 1990**. Dispõe sobre a participação da comunidade no SUS. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8142.htm, Acesso em: 22 jul. 2021.

BRASIL. **Lei nº 12.852, de 5 de agosto de 2013**. Estatuto da Juventude. Brasília: Casa Civil, 2013. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2013/Lei/L12852.htm. Acesso em: 22 jul. 2021

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. **Política Nacional de Atenção Básica**. Brasília: Ministério da Saúde, 2012.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Saúde integral de adolescentes e jovens: orientações para a organização de serviços de. Brasília: Editora do Ministério da Saúde, 2007. 44 p.: il. – (Série A. Normas e Manuais Técnicos). Disponível em: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/saude_adolescentes_jovens.pdf. Acesso em: 22 jul. 2021.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. **Política Nacional de Promoção da Saúde: PNPS: Anexo I da Portaria de Consolidação nº 2, de 28 de setembro de 2017, que consolida as normas sobre as políticas nacionais de saúde do SUS**. Brasília: Ministério da Saúde, 2018.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Saúde em Família**. 2019. Disponível em: <http://saude.gov.br/atencao-primaria>. Acesso em: 13 jul. 2021.

BOGHOSSIAN, C. O.; MINAYO, M. C.S. Revisão Sistemática Sobre Juventude e Participação nos Últimos 10 anos. **Saúde Soc.**, São Paulo, v.18, n.3, p.411-423, 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sausoc/a/Srx45XZG3Fr8MNMBDJ6BVnM/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 23 jul. 2021.

BOCKORNI, B. R. S.; GOMES, A. F. A amostragem em snowball (bola de neve) em uma pesquisa qualitativa no campo da administração. **Revista de Ciências Empresariais da UNIPAR**, Umuarama, v. 22, n. 1, p. 105-117, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.25110/receu.v22i1.8346>. Acesso em: 21 jul. 2021.

BORDENAVE, J. E. D. **O que é participação?** São Paulo: Brasiliense, 1994.

BUSS, P.M.; HARTZ, Z.M.A.; PINTO, L.F.; ROCHA, C.M.F. Promoção da saúde e qualidade de vida: uma perspectiva histórica ao longo dos últimos 40 anos (1980-2020). **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v.25, n.12, p.4723-4735, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1413-812320202512.15902020>. Acesso em: 20 jun. 2023.

CAETANO, E.; AZEVEDO, E.E.F.N. Políticas Públicas e Juventudes: Algumas particularidades do caso brasileiro. **Polis**, São Paulo, n.48, p. 37-59, 2017.

CARRANO, P. A participação social e política de jovens no Brasil: considerações sobre estudos recentes. **O Social em Questão**, São Paulo, n. 27, 2012. Disponível em: http://osocialemquestao.ser.puc-rio.br/media/osocial27_carrano1.pdf. Acesso em: 31 maio 2023.

CARRANO, P. C. R.; SPOSITO, M. P. Juventude e políticas públicas no Brasil. **Revista Brasileira de Educação**, Brasília, v. 1, p. 16-39, 2003.

CONSELHO NACIONAL DE SAÚDE. **Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012**. Dispõe sobre as diretrizes e normas de pesquisas envolvendo seres humanos Diário Oficial da República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 13 dez. 2012. Disponível em: http://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/cns/2013/res0466_12_12_2012.html. Acesso em: 13 nov. 2019.

COSTA, A. C. G. **Tempo de servir: o protagonismo juvenil passo a passo - um guia para o educador**. Belo Horizonte: Universidade, 2001.

DAYRELL, J. O Jovem como sujeito Social. **Rev Bras Educ.**, Brasília, n.24, 2003. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/zsHS7SvbPxKYmvcX9gwSDty/>. Acesso em: 31 maio 2023.

DIÓGENES, G. Juventude, exclusão e a construção de políticas públicas: estratégias e táticas. *In*: MENDONÇA FILHO, M.; NOBRE, M.T. (org.). **Política e afetividade: narrativas e trajetórias de pesquisa**. Salvador: EDUFBA/ EDUFS, 2009. p. 271-288.

ESCOREL, S.; MOREIRA, M. R. Participação Social. *In*: GIOVANELLA, L.; ESCOREL, S.; LOBATO, L. V. C.; NORONHA, J. C.; CARVALHO, A. I. (orgs.). **Políticas e sistema de saúde no Brasil**. Rio de Janeiro: Fiocruz/Cebes, 2008. p.979-1010.

GADELHA, A.K.S.; SOUZA, F.L. Participação Social Juvenil na Promoção da Saúde no Território. *In*: DIAS, M. S. A. *et al.* (orgs.). **Tecnologias leves em saúde: saberes e práticas da Residência Multiprofissional na Estratégia Saúde da Família** [recurso eletrônico]. Porto Alegre: Rede UNIDA, 2015. 385 p.

GIL, C. Z. V. Jovens e juventudes: consensos e desafios. **Educação**, Santa Maria, v. 36, n. 1, p. 25-42, 2011. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/reeducacao/article/view/2909>. Acesso em: 16 nov. 2021.

GUIMARÃES, J. S.; LIMA, I. M. S. O. Youth participation and health promotion: strategy for human development. **Journal of Human Growth and Development**, [S.l.], v. 21, n. 3, p. 859-866, 2011. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010412822011000300012&lng=pt&tlng=pt. Acesso em: 05 jul. 2022.

GONÇALVES NETO, J. U.; LIMA, A. F. A história de Maria, uma jovem que se tornou uma cuidadora-que-fala-confronta-e-esclarece: uma análise do processo de metamorfose na perspectiva da Psicologia Social. **Psicología, Conocimiento y Sociedad**, Espanha, v.3, p.30-51, 2011. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=475847405003>. Acesso em: 24 jul. 2021.

GORDON-HARSEN, P.; NELSON, M. C.; POPKIN, M. N. Longitudinal physical activity and sedentary behavior trends; Adolescence to adulthood. **Am J Prew Med**, EUA, v. 27, p. 277-283, 2004.

HONWANA, A. Que Política e Política Para Quem? Juventude e Engajamento Político em Moçambique. *In*: MARCON, F.; NORONHA, D. F. (orgs.). **Juventudes e desigualdades sociais em tempos de crise e radicalização política**. 1. ed. Aracaju, SE: Criação Editora, 2021. p. 30-35.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Brasil/Ceará/Meruoca**. 2021. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ce/meruoca/panorama>. Acesso em: 10 nov. 2021.

LIMA, F. A.; GALIMBERTTI, P. A. Sentidos da participação social na saúde para lideranças comunitárias e profissionais da Estratégia Saúde da Família do território de Vila União, em Sobral-CE. **Physis Revista de Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 26, n. 1, p.157-175, 2016. Disponível em: https://www.scielo.org/article/ssm/content/raw/?resource_ssm_path=/media/assets/physis/v26n1/0103-7331-physis-26-01-00157.pdf. Acesso em: 10 jul. 2021.

LIMA, I. M. R. **Culturas juvenis e a produção da saúde no cotidiano de um grupo de dança pop**. 2017. 142f. Dissertação (Mestrado em Saúde da Família) - Universidade Federal do Ceará, Sobral, 2017.

LOPEZ, S.B.; MOREIRA, M.C.N. Quando uma proposição não se converte em política? O caso da Política Nacional de Atenção Integral à Saúde de Adolescentes e Jovens - PNAISAJ. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v.18, n.4, p.1179-1186, 2013. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/csc/a/ksTHhwtZRsc9Z7CKynZgrRQ/?lang=pt>. Acesso em: 20 jun. 2023.

LUCIANO, A. P. *et al.* Nível de atividade física em adolescentes saudáveis. **Rev. Bras Med Esportevol**, São Paulo, v. 22, n. 3, p. 191–194, 2016.

MACERATA, I.; SOARES, J. G. N. S.; OLIVEIRA, A. M. A pesquisa-intervenção como pesquisa-apoio: o caso do POP RUA. **Saúde Soc.**, São Paulo, v.28, n.4, p.37-48, 2019. Acesso em: 24 jul. 2021.

MAIO, I.P.; SILVA, C. F. Políticas de juventudes no Brasil: prioridades e investimentos do governo federal de 2012-2020. **Revista de Políticas Públicas**, São Luíz, v.26, n.2, p.839-858, 2023.

MARCON, F; GALVÃO, L.O.F. Juventudes, coletivos e políticas públicas em Sergipe. **Revista Mundaú**, Alagoas, n. 10, p. 92-116, 2021. Disponível em: <https://www.seer.ufal.br/index.php/revistamundau/article/view/11788>. Acesso em: 24 jun. 2023.

MARINHO, C. L. F.; RIBEIRO, L. S. Inatividade física e surgimento de patologias em adolescentes: uma revisão bibliográfica. **Revista Uningá**, [S. l.], v. 56, n. 1, p. 108–113, 2019. Disponível em: <https://revista.uninga.br/uninga/article/view/2319>. Acesso em: 19 maio 2023.

MEIRELLES, Z. V.; RUZANY, M. H. Promoção de Saúde e Protagonismo Juvenil. *In:* RUZANY, M. H.; GROSSMAN, E. (orgs.). **Saúde do Adolescente: Competências e Habilidades**. Brasília: Ministério da Saúde, 2008. p. 35-40.

MENDES, R.; PEZZATO, L. M.; SACARDO, D. P. Pesquisa-intervenção em promoção da saúde: desafios metodológicos de pesquisar “com”. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 21, n. 6, p. 1737-1745, 2016.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 12. ed. São Paulo: Hucitec, 2010.

MINAYO, M. C. S. Amostragem e saturação em pesquisa qualitativa: consensos e controvérsias. **Revista Pesquisa Qualitativa**, São Paulo, v. 5, n. 7, p. 1-12, 2027. Disponível em: <https://editora.sepq.org.br/rpq/article/view/82>. Acesso em: 24 jun. 2023..

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE (OMS). **Declaração de Caracas**. Geneva: OMS, 1990. Disponível em: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/declaracao_caracas.pdf. Acesso em: 24 jun. 2023.

PACÍFICO, A. B. *et al.* Comparação da percepção de qualidade de vida entre adolescentes praticantes e não praticantes de esporte no contraturno escolar. **Cadernos Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 28, n. 4, p. 548–555, 2020.

PAIVA, A. B. *et al.* Jovens: Morbimortalidade, Fatores de Risco e Políticas de Saúde. *In*: CASTRO, J. A.; AQUINO, L. M. C.; ANDRADE, C. C. (orgs.). **Juventude e políticas sociais no Brasil**. Brasília: Ipea, 2009. p. 129-139.

PEKELMAN, R. Suspiros. *In*: MANO, M.A.M; PRADO, E.V. (orgs.). **Vivências de Educação Popular na Atenção Primária à Saúde: a realidade e a utopia**. São Carlos: EdUFSCar, 2010. p. 217-224.

PIOSIADLO, L. C. M.; FONSECA, R. M. G. S. DA; GESSNER, R. Subordination of gender: reflecting on the vulnerability to domestic violence against women. **Escola Anna Nery - Revista de Enfermagem**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 4, p. 728–733, 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ean/a/LZGcmCkx8YzyqmdChrLFGMc/?lang=pt>. Acesso em: 25 maio 2023.

SANTANA, J. V. P. *et.al.* Entre o Protagonismo e a Invisibilidade: Dinâmicas Reivindicatórias das Políticas Públicas de Juventudes em Sergipe. *In*: MARCON, F.; NORONHA, D. P. (orgs.). **Juventudes e desigualdades sociais em tempos de crise e radicalização política**. Aracaju: Criação Editora, 2021.

SILVA, A.; ALEIXO, A.; SILVA, C.; DUARTE, J.; MORAES, M. Itinerários vividos, histórias narradas: gradientes de autonomia entre beneficiários do Programa ‘De Volta para Casa’. **Saúde Debate**, Rio de Janeiro, v. 44, n. 127, p. 1093-1104, 2020.

SILVA, A. H.; FOSSÁ, M. I. T. Análise de Conteúdo: Exemplo de Aplicação da Técnica para Análise de Dados Qualitativos. **Qualit@s Revista Eletrônica**, Paraíba, v.17, n. 1, 2015.

SILVA, A.F. **Juventudes, hip hop e políticas públicas na grande Aracaju**. 2020. 105f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2020.

TOMMASI, L.; CORROCHANO, M.C. Do qualificar ao empreender: políticas de trabalho para jovens no Brasil. **Estudos Avançados**, São Paulo, v.34, n.99, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ea/a/7gJR8dVYp3WdpCy8hPnNMdF/>. Acesso em: 24 jun. 2023.

TONIN, C. F.; MUNIZ, B.T. A interface entre Saúde Mental e Vulnerabilidade Social. **Tempus – Actas de Saúde Coletiva**, Brasília, v. 11, n. 3, p. 50-68, 2018.

TRAVERSO-YÉPEZ, M. A. Dilemas en la promoción de la salud en Brasil: consideraciones sobre la política nacional. **Interface - Comunic., Saúde, Educ.**, Botucatu, v.11, n.22, p.223-38, 2007.

TROIAN, A.; BREITENBACH, R. Jovens e juventudes em estudos rurais do Brasil. **Interações**, Campo Grande, v. 19, n. 4, p. 789-802, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/inter/a/xQRmPSyw4yBzZtXcwnccm3K/?lang=pt>. Acesso em: 20 nov. 2021.

XAVIER, A. S. **Cartilha de Saúde Mental em Tempos de Pandemia. Ministério Público do Ceará (MPCE)**. 2020. Disponível em: <http://www.mpce.mp.br/projetos/vidas-preservadas/cartilha-saude-mental-em-tempos-de-pandemia/>. Acesso em: 24 jun. 2023.

APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Para jovens ou responsável

Prezado(a),

O(a) senhor(a) está sendo convidado(a) a participar da pesquisa **A PARTICIPAÇÃO SOCIAL JUVENIL EM UM CENTRO URBANO DE CULTURA, ARTE, CIÊNCIA E ESPORTE (CUCA) E SUA INTERFACE COM A PROMOÇÃO DA SAÚDE**, de responsabilidade de Jéssica Lima Trindade, discente do Mestrado profissional em Saúde da Família da Rede Nordeste de Formação em Saúde da Família (RENASF), nucleadora Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA), sob orientação da Prof.^a Dra. Maristela Inês Osawa Vasconcelos.

A referida pesquisa tem como objetivo geral: analisar a participação social juvenil no Centro Urbano de Cultura, Arte, Ciência e Esporte (CUCA) e sua interface com a promoção da saúde. Os objetivos específicos são:

- Identificar os espaços de participação social juvenil na promoção da saúde no Centro Urbano de Cultura, Arte, Ciência e Esporte (CUCA);
- Identificar os jovens que atuam com participação social no Centro Urbano de Cultura, Arte, Ciência e Esporte (CUCA);
- Conhecer as histórias de vida dos jovens que frequentam o Centro Urbano de Cultura, Arte, Ciência e Esporte (CUCA) e sua interface com a participação social e promoção da saúde.

Todos os esclarecimentos que necessite serão informados antes, durante e após a finalização da pesquisa. Todos os dados colhidos através da sua participação na pesquisa ficarão sob a guarda da pesquisadora responsável. Será garantida a manutenção do sigilo, confidencialidade e privacidade dos dados, antes, durante e após o término da pesquisa.

A coleta de dados será realizada por meio de entrevista aberta realizada pela entrevistadora. Além disso, essa entrevista será gravada para posterior análise do material. Espera-se que com esta pesquisa possamos ouvir as histórias de vida dos jovens, bem como, conhecer a realidade da participação social juvenil nos territórios do município.

Sua participação é voluntária e livre para recusar-se a participar, retirar seu consentimento ou interromper sua participação a qualquer momento. A recusa em participar não acarretará qualquer penalidade ou perda de benefícios. A pesquisa envolve risco de quebra de privacidade, mas a entrevista será realizada em local reservado, seu nome não será divulgado e os registros serão codificados.

Os resultados da pesquisa serão devolvidos aos participantes por meio de uma apresentação da dissertação, em local a ser definido, podendo ser publicados posteriormente na comunidade científica.

Este documento foi elaborado em duas vias, uma ficará com a pesquisadora responsável pela pesquisa e a outra com o participante. Estaremos disponíveis para qualquer outro esclarecimento no email: jessicalimatrindade@gmail.com, telefone: (85) 996840894.

Desde já gostaríamos de agradecer a atenção a nós destinada e sua colaboração com a pesquisa.

Sobral, ____ de _____ de 2022.

Assinatura do participante ou responsável

Pesquisadora

APÊNDICE B – TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TALE)

Para jovens menores de 18 anos

Você está sendo convidado(a) a participar da pesquisa **A PARTICIPAÇÃO SOCIAL JUVENIL EM UM CENTRO URBANO DE CULTURA, ARTE, CIÊNCIA E ESPORTE (CUCA) E SUA INTERFACE COM A PROMOÇÃO DA SAÚDE**. As pessoas responsáveis por você já permitiram que você participe.

Nosso interesse nessa pesquisa é conhecer as histórias de vida dos jovens relacionadas à promoção da saúde no CUCA. Os jovens que irão participar dessa pesquisa têm de 15 a 29 anos de idade. Você não precisa participar da pesquisa se não quiser, é um direito seu, não terá nenhum problema se desistir. A coleta de dados será realizada por meio de entrevista aberta realizada pela entrevistadora. É para estes procedimentos que você está sendo convidado(a) a participar.

Espera-se que com esta pesquisa possamos ouvir as histórias de vida dos jovens, bem como, conhecer a realidade da participação social juvenil no Centro Urbano de Cultura, Arte, Ciência e Esporte (CUCA). Sua participação é voluntária e livre para recusar-se a participar, retirar seu consentimento ou interromper sua participação a qualquer momento. A recusa em participar não acarretará qualquer penalidade ou perda de benefícios.

A pesquisa envolve risco de quebra de privacidade, mas a entrevista será realizada em local reservado, seu nome não será divulgado e os registros serão codificados.

Qualquer dúvida em relação à pesquisa, você pode me contatar por meio do telefone (85) 996840894 ou pelo e-mail jessicalimatrindade@gmail.com. Os resultados da pesquisa serão devolvidos aos participantes por meio de uma apresentação da dissertação, em local a ser definido, podendo ser publicados posteriormente na comunidade científica.

Este documento foi elaborado em duas vias, uma ficará com a pesquisadora responsável pela pesquisa e a outra com o participante. Estaremos disponíveis para qualquer outro esclarecimento no email: jessicalimatrindade@gmail.com e telefone: (85)996840894.

Sobral, ____ de _____ de 2022.

Assinatura do(a) jovem

Pesquisadora

APÊNDICE C – HISTÓRIA DE VIDA

Identificação:

Local da entrevista:

Data: __/__/__

I. Caracterização dos sujeitos:

1. Qual sua idade?

2. Identidade de gênero: () masculino () feminino () outro

3. Etnia:

4. Escolaridade:

5. Qual a localidade que você reside:

II. Pergunta-chave

Conte-me o que ocorreu em sua vida após o início da sua participação nas atividades desenvolvidas no CUCA Barra.

Questões a serem abordadas:

Participação social juvenil nas atividades do CUCA;

Promoção da saúde;

Juventudes.